

ANEXOS

Índice de Anexos

Anexo 1: Análise dos dados do Plano Curricular de Turma	IV
1.1 Alunos	V
1.2 Agregado familiar.....	VIII
1.3 Encarregados de Educação	XI
1.4 Vida Escolar	XII
1.5 Hábitos de estudo	XVI
1.5 Informática	XVIII
1.6 Saúde	XXI
1.7 Ocupação dos tempos livres	XXII
Anexo 2: Plano Anual de Actividades.....	XXIII
Anexo 3: Planificações de aula das unidades	XXXI
Anexo 4: Exemplo de um teste.....	XXXV
Anexo 5: Exemplo da matriz do teste seleccionado	XXXVIII
Anexo 6: Exemplo dos critérios de correcção do teste seleccionado	XL
Anexo 7: Planificações de Filosofia da ESGP: Filosofia 11º ano	XLV
Anexo 8: Exemplo de textos seleccionados	XLVIII
Anexo 9: Guião do filme <i>Gattaca – A Experiência Genética</i> , de Andrew Niccol (1997)	LI
Anexo 10: Cartaz da Conferência-Debate “Vamos descobrir o Pensamento Oriental”	LIII
Anexo 11: Cartaz da peça de Teatro “[in]Diferença”.....	LV
Anexo 12: Guião resumido da peça de teatro “[in]Diferença”	LVII
Anexo 13: Programa da visita de estudo ao Centro Cultural de Belém	LXVII
Anexo 14: Programa da visita de estudo ao Planetário Gulbenkian.....	LXXI
Anexo 15: Exemplar do documento a preencher pelos professores organizadores da visita de estudo a fim de obter autorização dos Encarregados de Educação	LXXIII

Anexo 16: Critérios de Avaliação do Departamento.....	LXXVII
Anexo 17: Exemplo de grelha de Avaliação de Desempenho Quotidiano dos Alunos.....	LXXIX
Anexo 18: Exemplo de grelha de Avaliação de Expressão Escrita e Oral	LXXXI
Anexo 19: Pauta do 1º Período.....	LXXXIII
Anexo 20: Pauta do 2º Período.....	LXXXV
Anexo 21: Pauta do 3º Período.....	LXXXVII
Anexo 22: <i>Circular n.º B10042904F</i>	LXXXIX
Anexo 23: Índice do manual de 11º ano de Filosofia.....	XCII
<i>Um outro olhar sobre o mundo</i>	XCII
Anexo 24: Índice do caderno de actividades do manual <i>Um outro olhar sobre o mundo</i>	XCVII
Anexo 25: Edital mestrado Ensino de Filosofia no Ensino Secundário 2009/2011 – Universidade de Évora	XCIX

Anexo 1: Análise dos dados do Plano Curricular de Turma

1.1 Alunos

Idade alunos

Idades	M	F	Total	Nacionalidade		
				Portuguesa	Estrangeira	
14	0	0	0			
15	1	2	3			
16	11	3	14			
17	3	1	4			
18	0	2	2			
19 e +	0	1	1			
Média	16,1	16,7	16,4	Total	22	2

Figura 1 - Tabela alunos – idade e nacionalidade

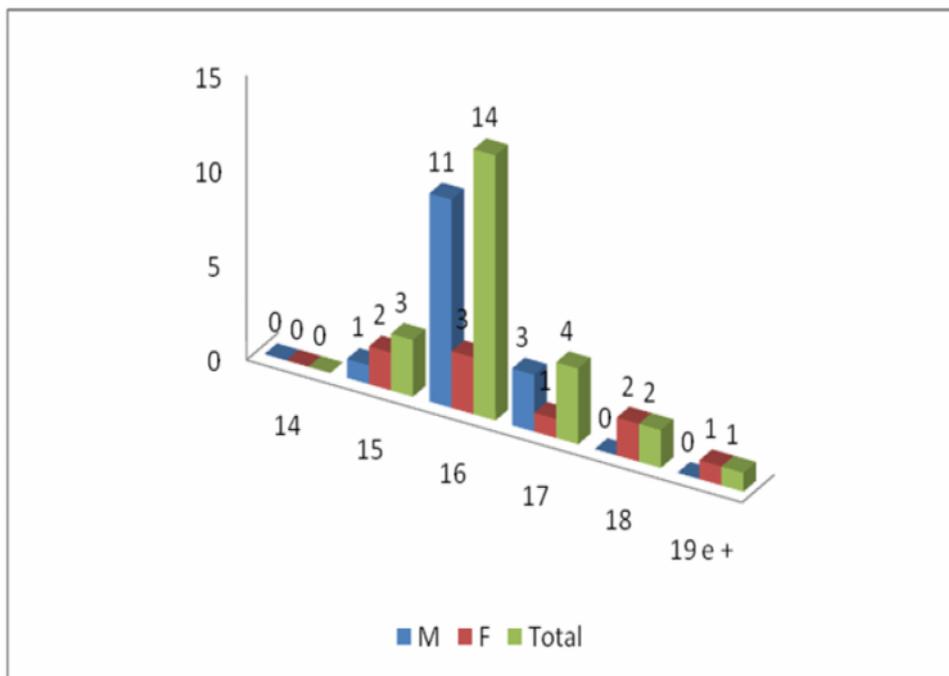


Figura 2 - Gráfico alunos – idade

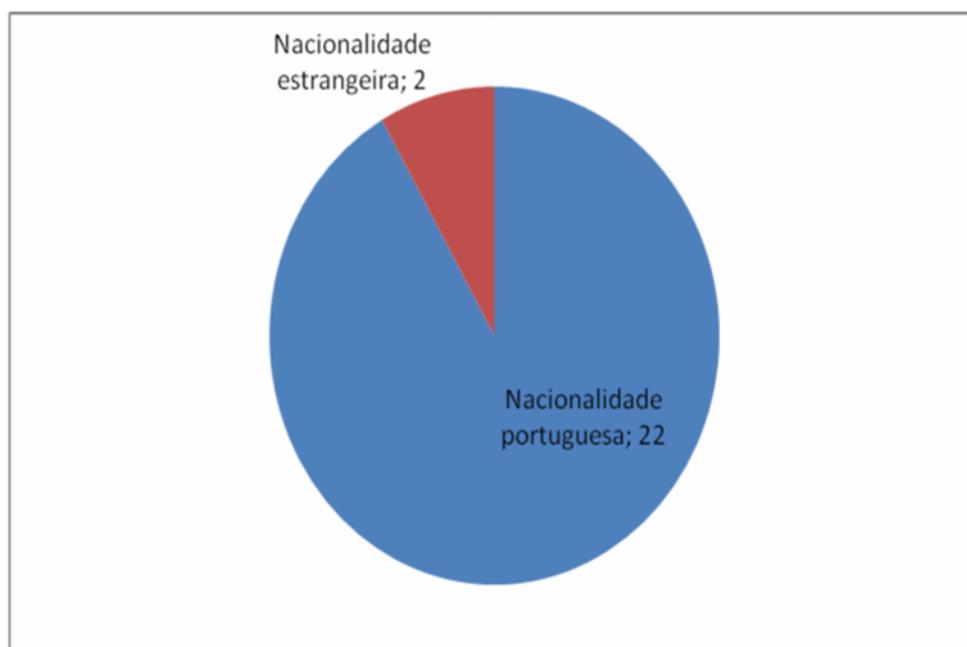


Figura 3 – Gráfico alunos – nacionalidade

Alunos repetentes

	sim	não	Total
Alunos repetentes	7	17	24

Figura 4 – tabela de repetências

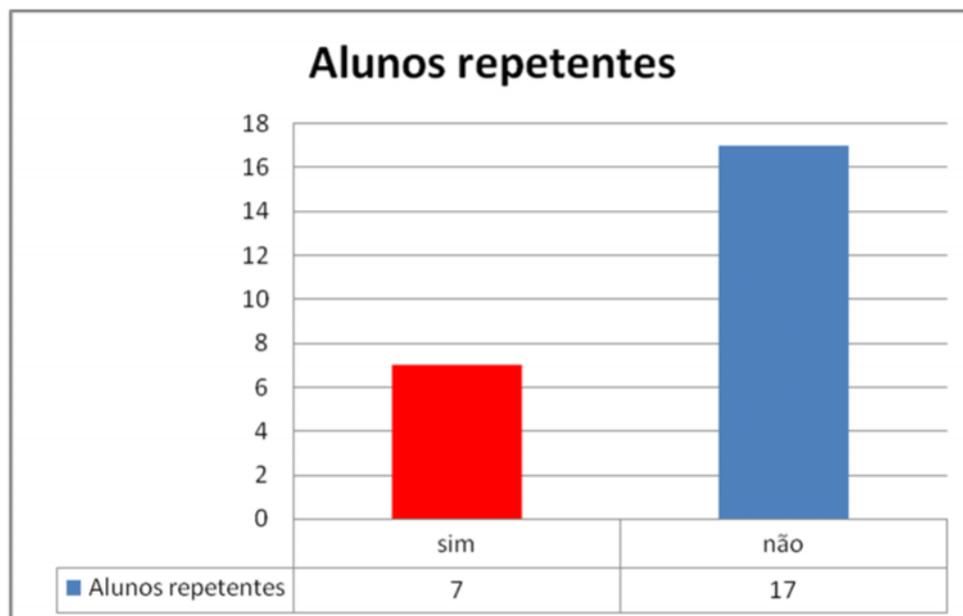


Figura 5 – Gráfico alunos repetentes

1.2 Agregado familiar

Coabitação (pai, mãe, irmãos, ...)

Parentesco	Pais	Mãe	Pai	Irmãos	Outros
Nº alunos	16	5	0	13	1(não indica)

Figura 6 – tabela de coabitação

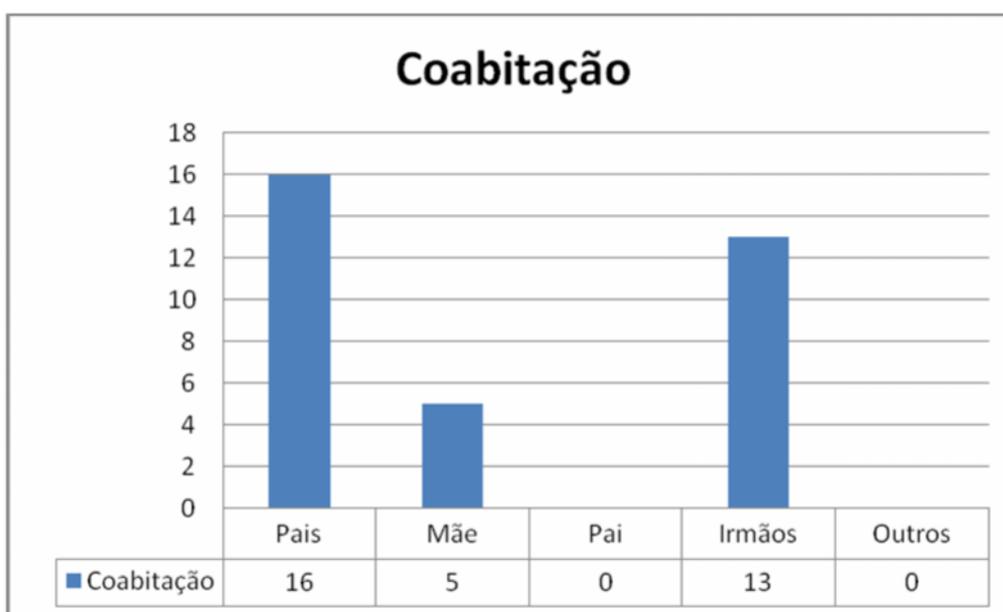
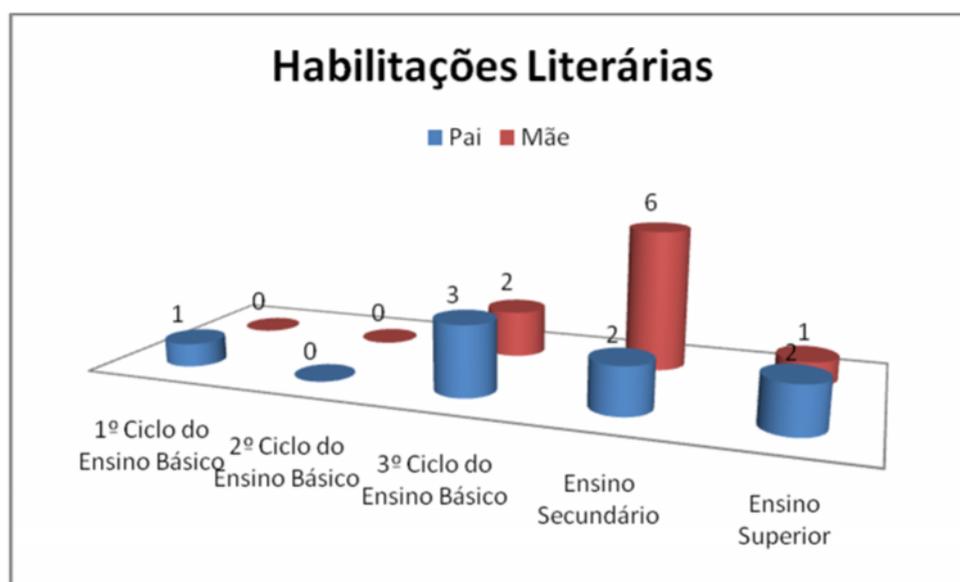


Figura 7 – Gráfico de coabitação

Habilitações literárias dos pais

	Pai (n.º)	Mãe (n.º)
1º Ciclo do Ensino Básico	1	0
2º Ciclo do Ensino Básico	0	0
3º Ciclo do Ensino Básico	3	2
Ensino Secundário	2	6
Ensino Superior	2	1

Figura 8 – tabela habilitações literárias dos pais



Observações: 6 - Não indicam; 1 - Pai falecido

Figura 9 – Gráfico habilitações literárias dos pais

Situação profissional dos pais

	Pai (n.º)	Mãe (n.º)
Trabalha por conta própria	2	1
Trabalha por conta de outrem	11	19
Reformado(a)	1	0
Desempregado(a)	1	1

Figura 10 – tabela situação profissional pais

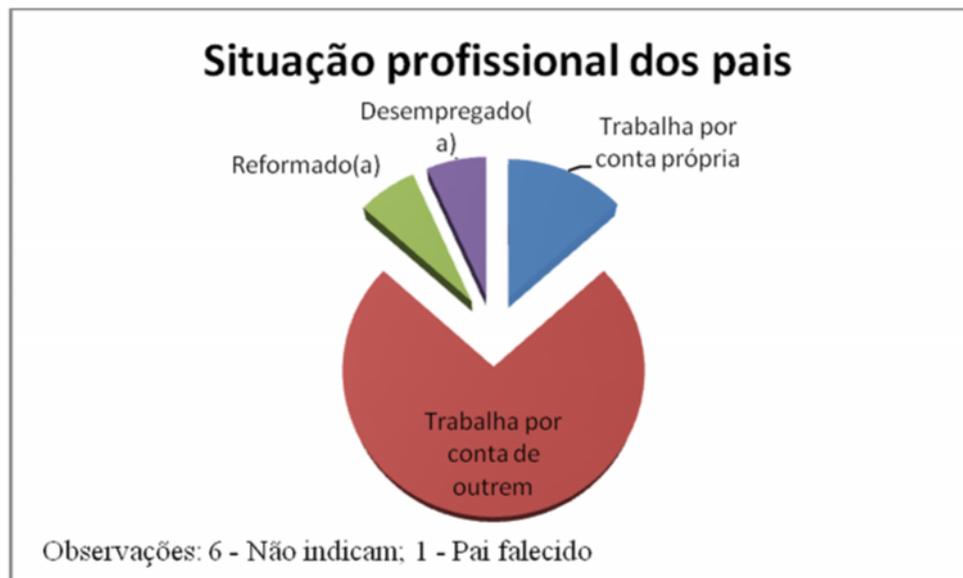


Figura 11 – Gráfico situação profissional dos pais

1.3 Encarregados de Educação

Grau parentesco	Mãe	Pai	Aluno	Outro
Nº de alunos	15	5	1	0

Figura 12 - Tabela grau de parentesco encarregados de educação

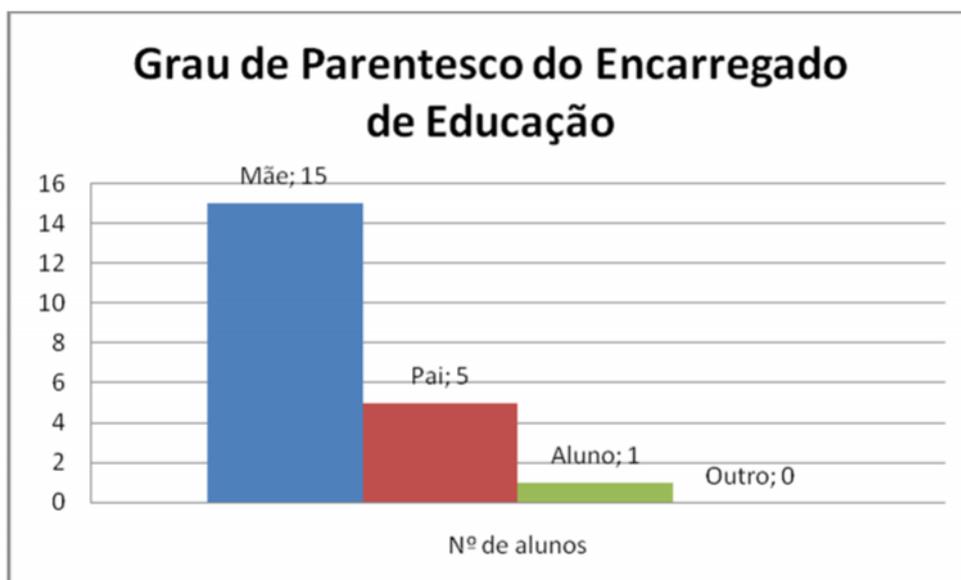


Figura 13 - Gráfico grau de parentesco encarregado de educação

1.4 Vida Escolar

Apoio Social Escolar

	Nº de alunos	
	Escalão 1	Escalão 2
Subsídio escolar	1	0

Figura 14 – tabela apoio social escolar

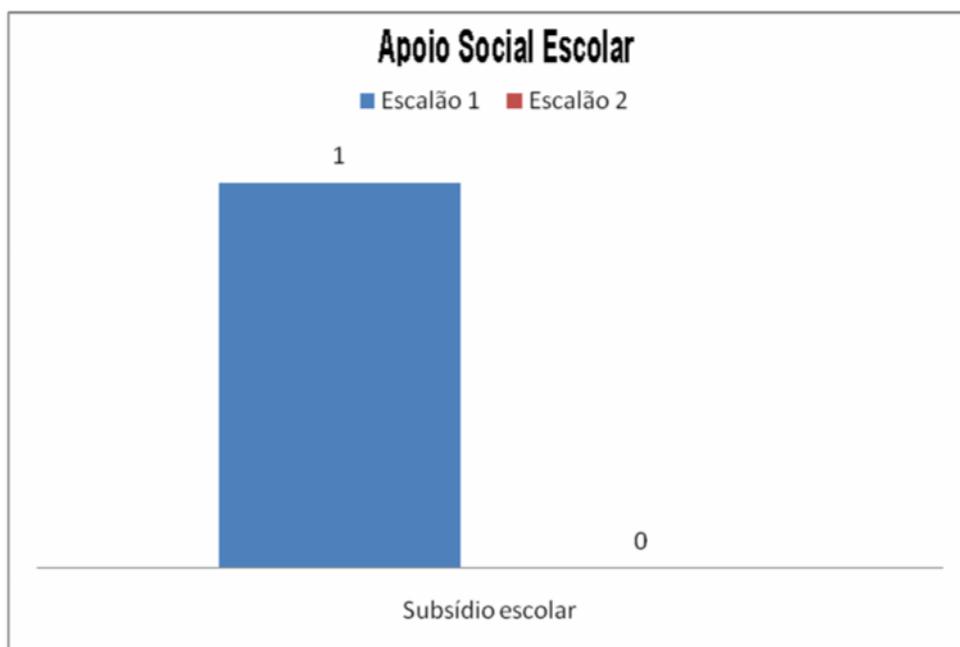


Figura 15 - Gráfico alunos subsídio escolar

Apoio Pedagógico

	N.º de alunos	Disciplinas
Apoio Pedagógico	4;3;1	Matemática;Inglês;Fís/Qui

Figura 16 – tabela apoio pedagógico

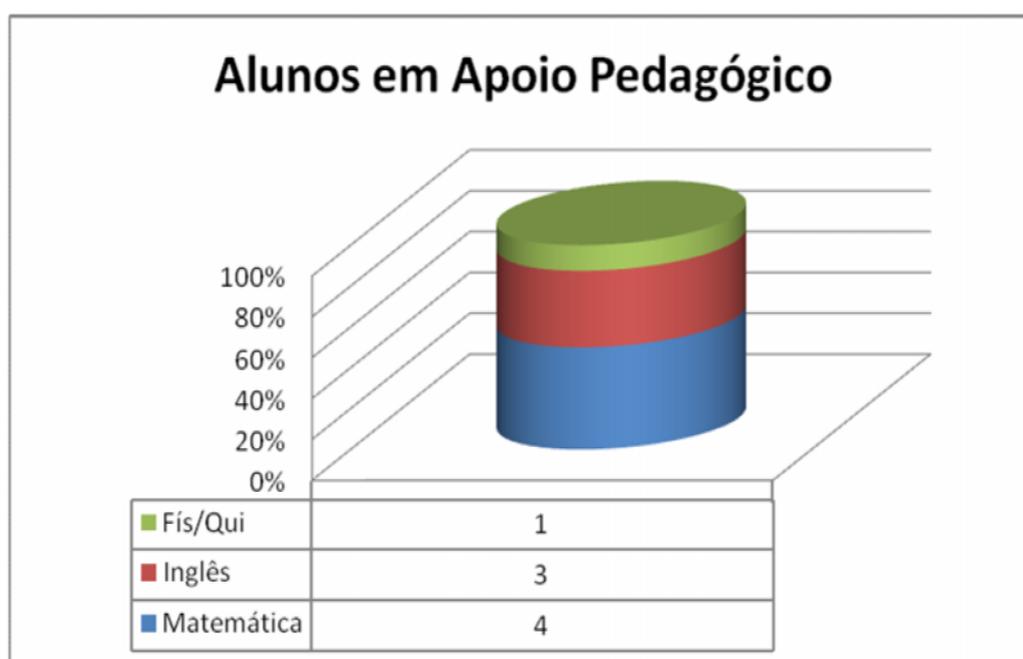


Figura 17 - Gráfico alunos em apoio pedagógico

Disciplinas em que têm mais dificuldades	N.º de alunos
Matemática;Inglês	4;2

Figura 18 – tabela disciplinas com mais dificuldades

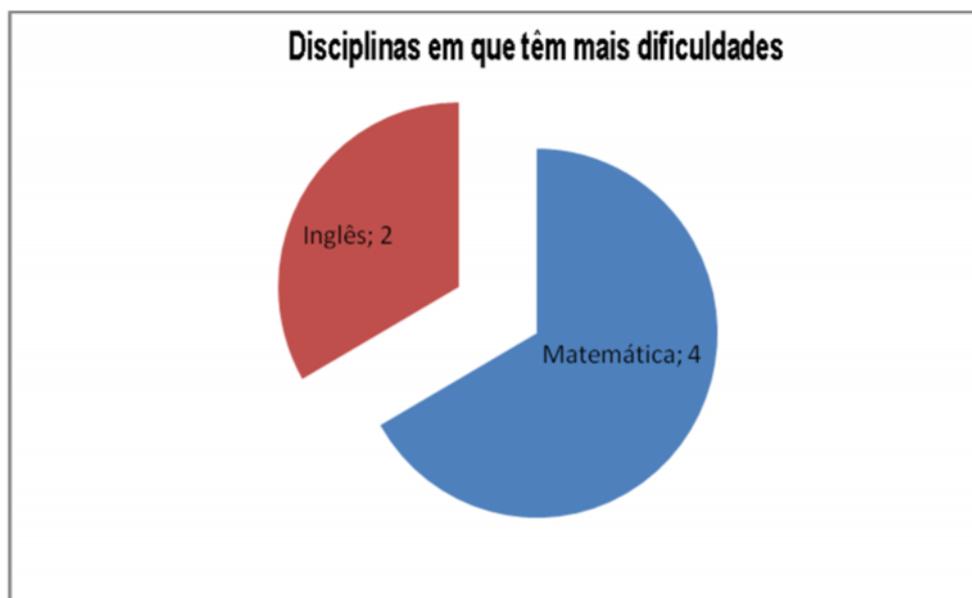


Figura 19 – gráfico disciplinas com mais dificuldades

Disciplinas que mais gostam	N.º de alunos
Fis/Qui; Bio;Mat;E.F.	12;9;1;3

Figura 20 – tabela disciplinas que mais gostam

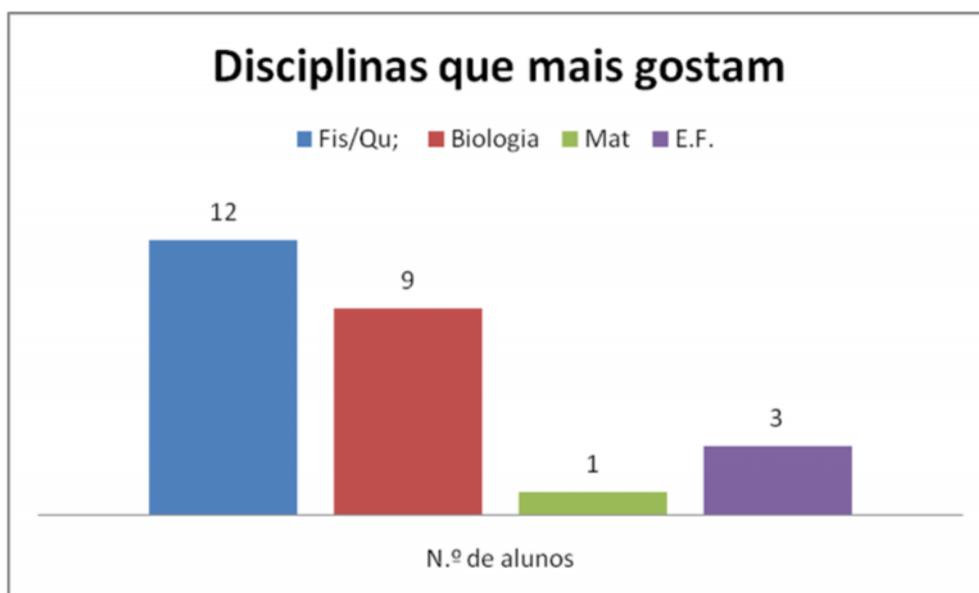


Figura 21 – gráfico disciplinas preferidas

Expectativas dos alunos

	N.º de alunos
Concluir o ensino secundário	Não indicam - 4; Até onde possível - 1
Ingressar no ensino superior	16

Figura 22 – tabela expectativas



Figura 23 - Gráfico expectativas dos alunos

1.5 Hábitos de estudo

Alunos que estudam:

	N.º de alunos
diariamente	6
frequentemente	8
raramente	1
na véspera de testes	3
na escola	0
em casa	3
em casa de amigos	0

Figura 24 – tabela hábitos de estudo



Figura 25 - Gráfico hábitos de estudo

Alunos que frequentam bibliotecas e/ou espaços multimédia:

	N.º de alunos
Na Escola	5
Num espaço público	4
Num espaço privado	explicação 8

Figura 26 – tabela frequência bibliotecas

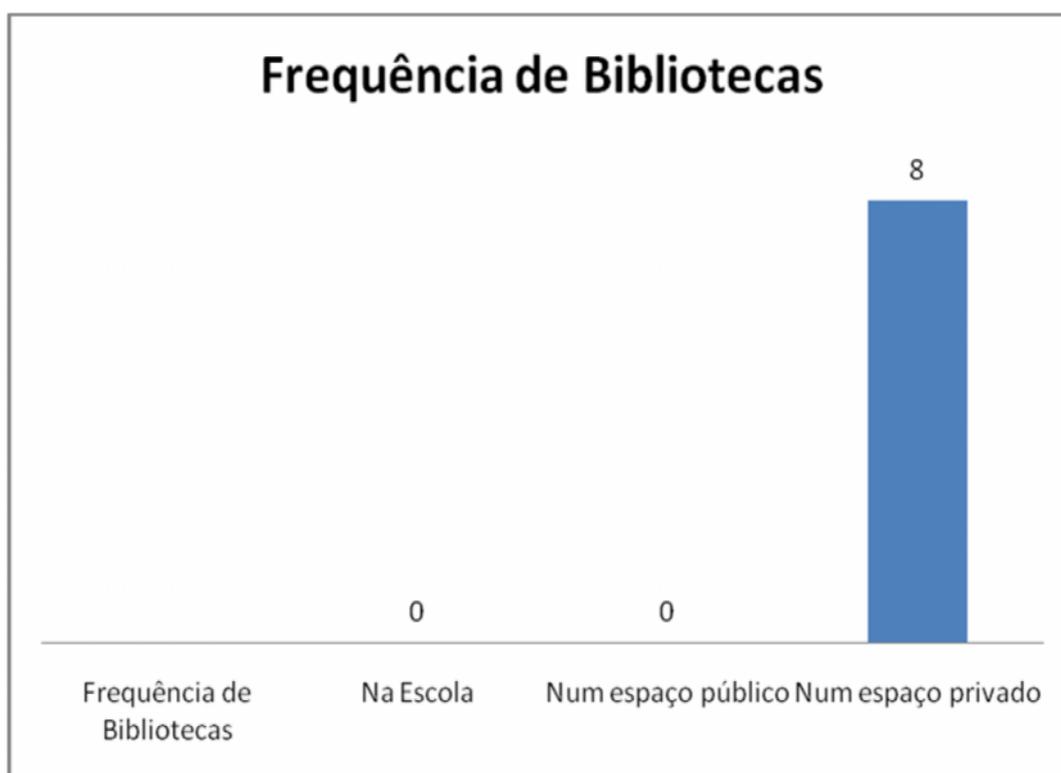


Figura 27 – Gráfico frequência de bibliotecas

1.5 Informática

Computador / ligação à internet:

	N.º de alunos
Têm computador em casa	21
Têm ligação à internet	19

Figura 28 – tabela posse de computador e ligação à internet

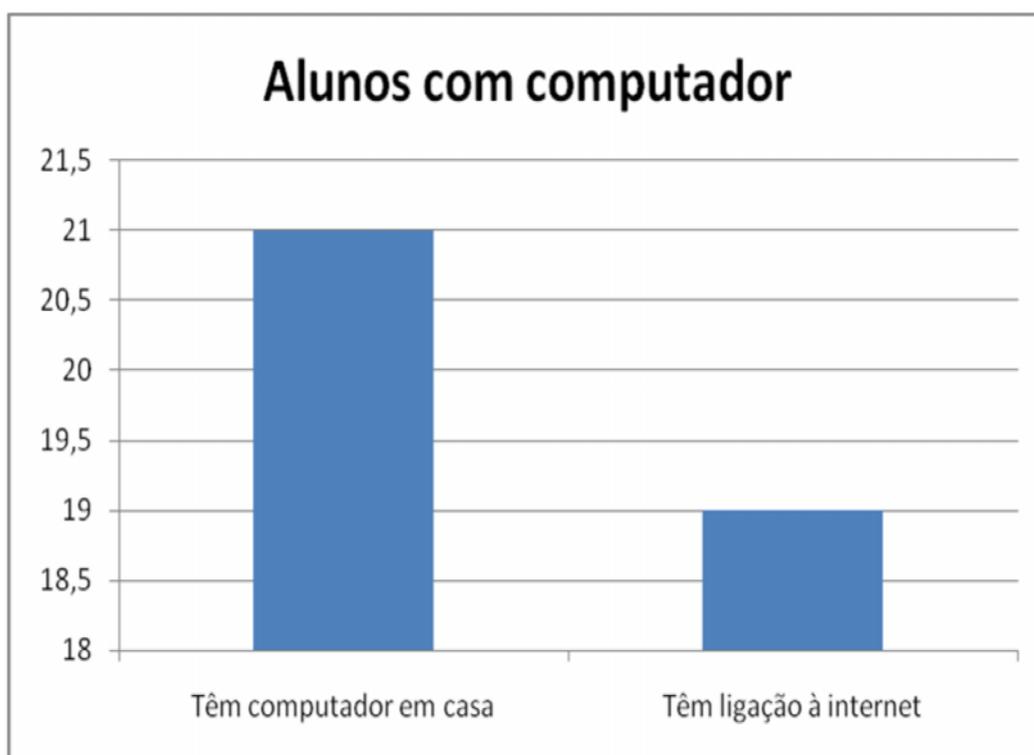


Figura 29 - Gráfico alunos com computador e ligação à internet

Navegação na Internet

Navegar na Net	
Sim	23
Não	1

Figura 30 – tabela navegação na internet

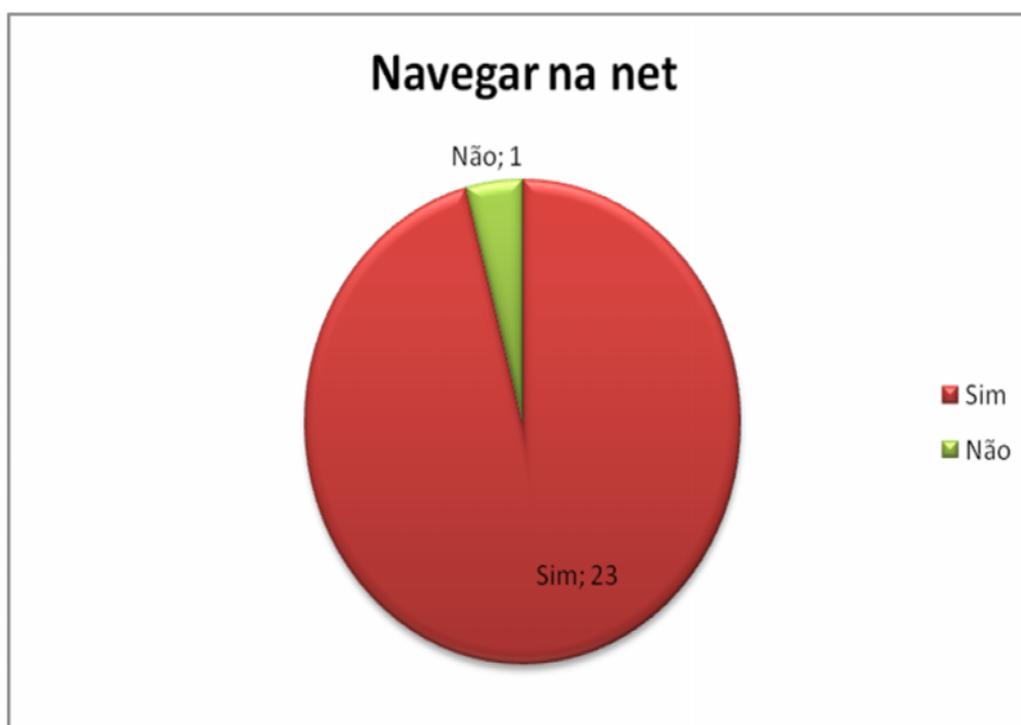


Figura 31 – gráfico navegação internet

Tempo passado a navegar na internet

Horas por semana na Internet	nº
0 horas	1
Até 7 horas	14
De 7 a 15 horas	4
De 15 a 30 horas	2
Mais de 30 horas	0
Não sabe	3
Total	24

Figura 32 – tabela tempo passado a navegar na internet

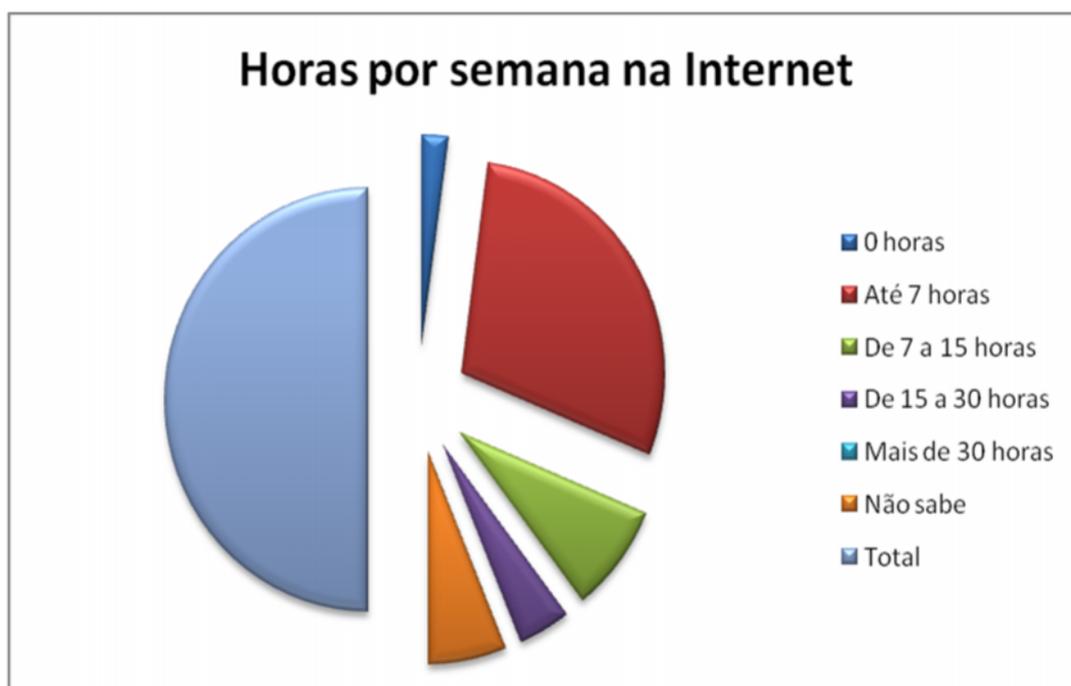


Figura 33 - gráfico horas por semana na internet

1.6 Saúde

Alunos com:

	N.º de alunos
dificuldades visuais	
dificuldades auditivas	2
dificuldades motoras	
dificuldades de linguagem	
outras dificuldades	ALERGIAS 3

Figura 34 – tabela problemas motores e sensoriais

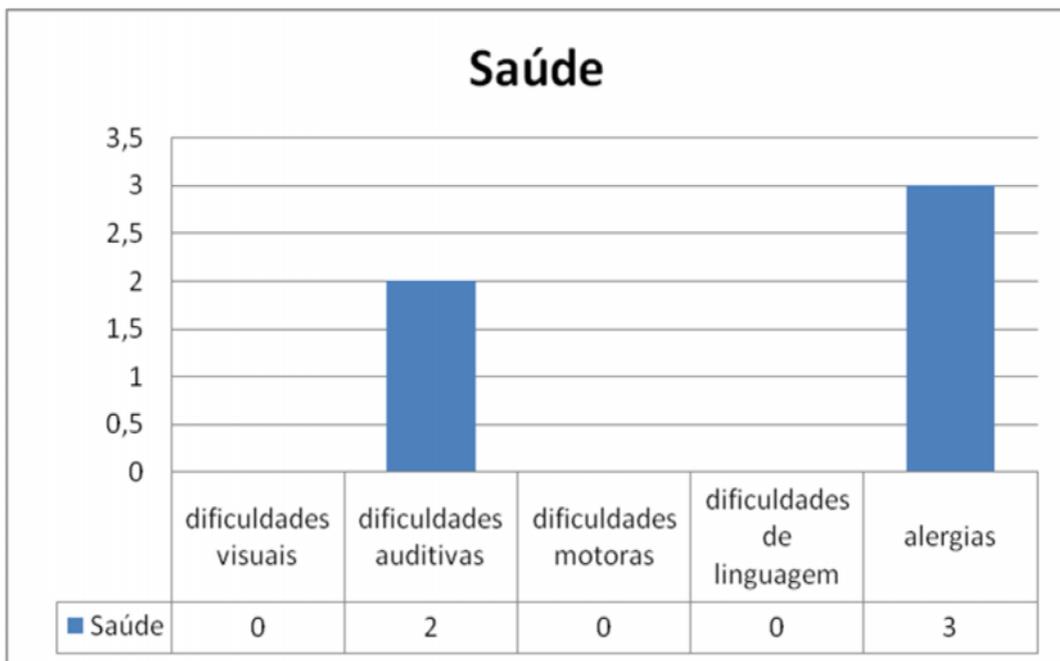


Figura 35 - gráfico saúde - problemas motores e sensoriais

1.7 Ocupação dos tempos livres

	N.º de alunos
Ver televisão	15
Ler	11
Conversar	
Passear	sair com amigos: 18
Ouvir música	19
Aprender música	
Aprender / praticar dança	
Computador / internet	12;3
Ir ao cinema	15
Praticar uma modalidade desportiva	15

Figura 36 – tabela ocupação dos tempos livres

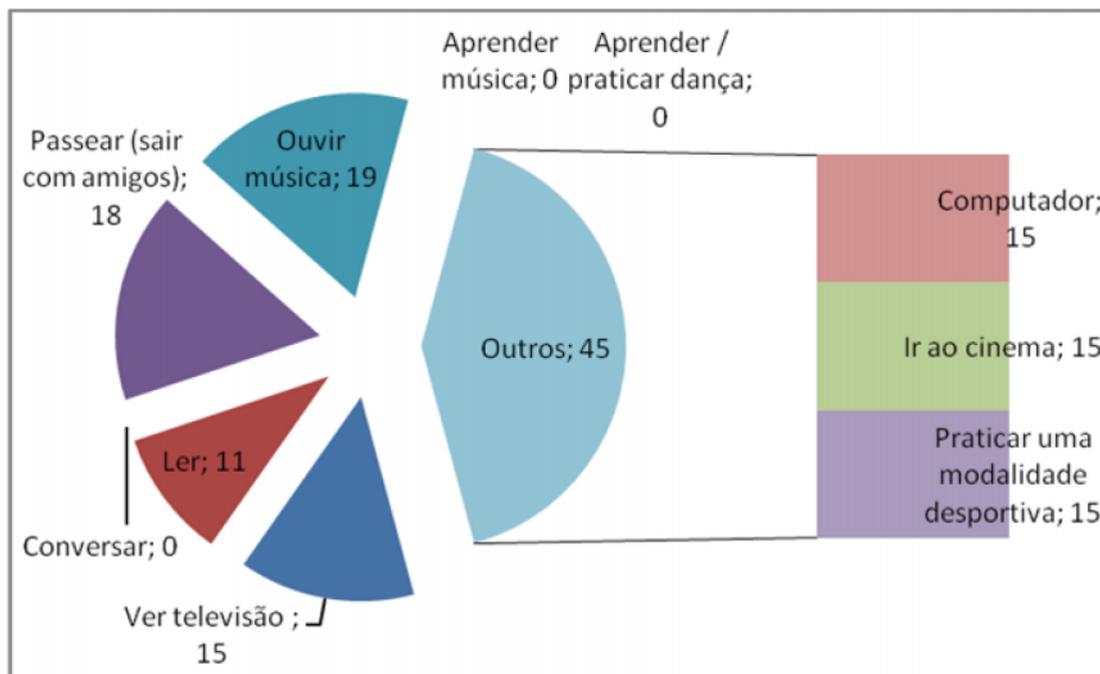


Figura 37 - gráfico ocupação dos tempos livres

Anexo 2: Plano Anual de Actividades

PLANO ANUAL

DE

ACTIVIDADES



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA

ANO LECTIVO 2010-2011

Introdução

O Plano Anual de Actividades (PAA), concomitantemente com outros documentos estruturantes da Escola, constitui o suporte do conjunto das prioridades estabelecidas no Projecto Educativo em vigor, traduzido em quatro objectivos estratégicos:

- Promover o sucesso educativo, o conhecimento multidisciplinar e a formação integral do aluno;
- Valorizar os recursos humanos;
- Manter e aprofundar a interactividade entre a Escola e a Comunidade;
- Incentivar o envolvimento dos alunos, pessoal docente, pessoal não docente, pais e encarregados de educação na vida escolar e nos órgãos de administração e gestão da Escola.

O PAA procura definir um percurso em que as diversas actividades se articulem de forma coerente e adequada aos objectivos, maximizando as potencialidades dos recursos utilizados e dando a conhecer a toda a comunidade educativa as opções fundamentais da acção educativa desta Escola.

Assim, as actividades propostas pretendem constituir, por um lado, um importante complemento curricular e, por outro lado, um aditamento no processo de formação integral do aluno nas suas várias vertentes.

O vasto leque das acções a propor justifica a sua sistematização em:

- Actividades artísticas
- Actividades desportivas
- Conferências / Palestras / Workshops
- Exposições (no espaço escolar)
- Intercâmbios / Projectos (nacionais ou internacionais)
- Projectos a nível de escola / Clubes / Concursos
- Protocolos / Parcerias

- Visitas de estudo

Para facilitar a organização e consulta do documento optou-se por, dentro de cada uma das quatro áreas correspondentes aos objectivos estratégicos, apresentar as actividades agrupadas por período lectivo ou “ao longo do ano lectivo”.

No final do ano lectivo terá lugar a avaliação global deste Plano, baseada nas fichas de avaliação de cada actividade (cujo modelo se anexa a este documento) e preenchidas pelo respectivo responsável. Os resultados da avaliação serão dados a conhecer a toda a comunidade educativa.

1. Promover o sucesso educativo, o conhecimento multidisciplinar e a formação integral dos alunos

1.º Período

Acções	Objectivos	Responsáveis	Destinatários	Recursos materiais	Custos			Calendário
					Total	Fonte financia mento	Comp. Escola	
Actividades artísticas								
Actividades desportivas								
Conferências / Palestras / Workshops								
Exposições (no espaço escolar)								
Projectos a nível de escola / Clubes / Concursos								
Visitas de estudo								

2.º Período									
Acções	Objectivos	Responsáveis	Destinatários	Recursos materiais	Custos			Calendário	
					Total	Fonte financia mento	Comp. Escola		
Actividades artísticas									
Actividades desportivas									
Conferências / Palestras / Workshops									
Exposições (no espaço escolar)									
Projectos a nível de escola / Clubes / Concursos									
Visitas de estudo									
3.º Período									

Acções	Objectivos	Responsáveis	Destinatários	Recursos materiais	Custos			Calendário
					Total	Fonte financiamento	Comp. Escola	
Actividades artísticas								
Actividades desportivas								
Conferências / Palestras / Workshops								
Peça de Teatro sobre a diferença; Conferência "Filosofia Oriental"	Sensibilizar para a temática da diferença e diversidade; Reflectir sobre as Necessidades Educativas Especiais; Despertar os alunos para o mundo do oriente, história e tendências.	Estagiários de Filosofia	Turmas 11º Filosofia: E; L; D; G1; B; Turmas 11º Filosofia: E; L; D + uma turma 11º ano a designar	Auditório				11 de Maio – 10h; 13 de Maio – 10h
Exposições (no espaço escolar)								

Projectos a nível de escola / Clubes / Concursos								
Visitas de estudo								
Planetário Gulbenkian (Lisboa); Museu Coleção Berardo Exposição Permanente Arte Contemporânea;	Compreender a ciência como teoria acerca da realidade e despertar o interesse para a especificidade do conhecimento científico; Entender a complexidade do conhecimento. Analisar as teorias explicativas do conhecimento e a coexistência / articulação de saberes.	Estagiários Filosofia; profª Ana Margarida Pereira;	Filosofia Turmas 11º : D; E; L; G1	autocarro	1,5€/aluno			6 de Abril de 2011

Anexo 3: Planificações de aula das unidades

Planificação de aula

Capítulo 4: Descrição / Interpretação da Actividade Cognoscitiva

Objectivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação	Calendarização
<p>Teorias explicativas do conhecimento</p> <p>Distinguir conhecimento como processo de conhecimento como produto</p> <p>Distinguir descrição e interpretação do conhecimento</p> <p>Identificar os elementos que intervêm no conhecimento</p> <p>Compreender os 3 núcleos problemáticos da interpretação do conhecimento.</p> <p>Compreender as teorias em confronto em cada um dos núcleos temáticos.</p>	<p>Teorias explicativas do problema do conhecimento:</p> <p>Quanto à sua natureza: Realismo vs Idealismo</p> <p>Quanto à sua origem ou fonte: Empirismo, Racionalismo e Apriorismo;</p> <p>Quanto à possibilidade, valor e limites: Dogmatismo, Cepticismo e Criticismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação de texto. • Diálogo professor/aluno e aluno/aluno; • Debate 	<p>Quadro</p> <p>Giz</p> <p>Papel</p> <p>Caneta</p> <p>Manual</p> <p>fotocópias</p>	<p>Participação na aula:</p> <p>Pedidos pertinentes de esclarecimento;</p> <p>Formulação de dúvidas;</p> <p>Levantamento de questões;</p> <p>Remissão para conhecimentos anteriormente adquiridos;</p> <p>Uso de terminologia adequada</p> <p>Comportamento na sala de aula</p>	<p>1 aula</p>

Planificação de aula

Capítulo 5: O estatuto do conhecimento científico

Objectivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação	Calendarização
<p>Conhecimento vulgar e conhecimento científico</p> <p>Compreender as características do senso comum. Compreender as características do conhecimento científico. Distinguir conhecimento vulgar de conhecimento científico</p> <ul style="list-style-type: none"> • 	<p>O saber quotidiano O saber científico Objectivos gerais da ciência A construção do facto científico Distinção entre conhecimento vulgar e científico. Assistemática do conhecimento vulgar. Acriticidade do conhecimento vulgar. Espontaneidade do conhecimento vulgar. Criticidade do conhecimento científico Metodicidade do conhecimento científico Sistemática do conhecimento científico</p>	<p>Diálogo professor/aluno e aluno/aluno; Leitura e interpretação de texto. Debate</p>	<p>Quadro Giz Papel Caneta Manual Fotocópias Computador Quadro interactivo</p>	<p>Participação na aula Resolução de exercícios Resolução de ficha de trabalho Uso de terminologia adequada Comportamento na sala de aula</p>	<p>1 aula de 90'</p>

Planificação de aula

Capítulo 6: temas / problemas da cultura científico-tecnológica;

A ciência, o poder e os riscos

Sumário: a ciência, o poder e os riscos; a cultura científico-tecnológica; a manipulação genética, as questões ecológicas e o futuro da humanidade.

Objectivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação	Calendarização
<p>A ciência, o poder e os riscos</p> <p>Reconhecer a ciência como parte integrante da cultura. Compreender a ciência como um construto humano fundamentado pelas razões e interesses do ser humano; Determinar a estreita relação entre os progressos da história da humanidade e os progressos da ciência; Sensibilizar para os aspectos nocivos provenientes do progresso da ciência e para outros riscos que dele podem derivar; Promover a reflexão / discussão filosófica ao serviço de uma co-responsabilização na construção e utilização da ciência.</p>	<p>Conceito de cultura A ciência, o poder e os riscos A cultura científico-tecnológica – características Problemas ligados às actividades tecnocientíficas</p>	<p>Diálogo professor/aluno e aluno/aluno</p> <p>Leitura e interpretação de texto</p> <p>Debate</p>	<p>Quadro Giz Papel Caneta Manual – Capítulo 6 – pp. 89-93; pp. 109. Fotocópias Computador Quadro interactivo</p>	<p>Participação no debate Contribuições profícuas para o debate Aplicação de conhecimentos filosóficos adquiridos anteriormente Uso de terminologia adequada Comportamento na sala de aula</p>	<p>Aula de 25 de Março de 2011</p>

Anexo 4: Exemplo de um teste

Escola Secundária Gabriel Pereira
Disciplina de Filosofia
Ano lectivo 2010/11
11º Ano 2º Período
Unidade 4 – Descrição e interpretação da actividade cognoscitiva
Teste de Avaliação Sumativa

Grupo I

“Sentimos frio, fome ou dor, mas não percebemos nem o frio, nem a fome, nem a dor”.

Ter sensações, sentir, é detectar de um modo imediato: isto é o que fazem os órgãos dos sentidos. Perceber é, pelo contrário, decifrar ou reconhecer uma mensagem sensorial: é ver uma mancha redonda como um balão, ouvir o ecoar de uma sirene como um sinal de alarme, sentir o fio de uma navalha de barbear como um instrumento cortante. “A sensação só necessita de detectores ou sensores; a percepção necessita, por outro lado, de órgãos que sejam capazes de interpretar o que foi sentido.”

(M. Bunge, *El problema Mente-Cérebro*, Madrid, Tecnos. p. 114)

1. Partindo da leitura do texto, distingue sensação de percepção.

Grupo II

«Segundo a concepção da consciência natural, o conhecimento consiste em forjar uma imagem" do objecto; e a verdade do conhecimento é a concordância desta imagem com o objecto. Mas averiguar se esta concepção está justificada é um problema que se encontra para além do alcance do problema fenomenológico. O método fenomenológico só pode dar uma descrição do fenómeno do conhecimento. Sobre a base que é esta descrição fenomenológica, tem de procurar-se uma explicação e interpretação filosóficas, uma teoria do conhecimento. (...)»

(Johannes Hessen, *Teoria do Conhecimento*, 6ª ed., Coimbra, Arménio Amado, 1973)

1. Caracteriza a relação sujeito/objecto, no acto de conhecer.

Grupo III

1. Indica quais as correntes associadas às seguintes frases:
 - a) "O conhecimento resulta dos dados provenientes dos sentidos e da acção interpretativa do entendimento".
 - b) "Eu vejo o mundo como ele é realmente."
 - c) "Conhecer não é apreender a realidade em si, mas a representação da realidade."
 - d) "Nada podemos conhecer com certezas, pois não existe nenhum critério seguro de verdade."
 - e) "Conhecer é apreender a realidade sensível."

2. Das teorias explicativas do conhecimento acima indicadas, escolhe uma e sintetiza as suas principais ideias.

Cotações:

Grupo I: 50 pontos

Grupo II: 50 pontos

Grupo III:

Questão 1- 50 pontos (10 pontos por cada alínea);

Questão 2 - 50 pontos;

Total: 200 pontos

- Critérios de Classificação:
- Compreensão dos conteúdos: (70%)
- Rigor conceptual
- Mobilização de conhecimento e interpretação e análise de textos.
- Estrutura formal: (30%)
- Rigor de linguagem
- Articulação de ideias.
- Coerência no discurso
- Posição Crítica.

Bom trabalho!

Hélio Ferreira

Anexo 5: Exemplo da matriz do teste seleccionado

ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA
ANO LECTIVO 2010/2011
MATRIZ DO TESTE DE FILOSOFIA 11º Ano

Objectivos	Conteúdos	Estrutura/cotações	Crítérios de Classificação
<p>Identificar os elementos que intervêm no conhecimento</p> <p>Distinguir sensação de percepção no processo de conhecimento</p>	<p style="text-align: center;"><u>Capítulo 4</u></p> <p>Descrição e interpretação da actividade cognoscitiva</p>	<p style="text-align: center;"><u>Grupo 1</u></p> <p>(Uma questão de resposta obrigatória): 50 pontos.</p>	<p>Compreensão dos conteúdos: 70%)</p> <p>Rigor conceptual</p> <p>Mobilização de conhecimento e interpretação e análise de textos</p> <p>Estrutura formal: (30%)</p> <p>Rigor de linguagem</p> <p>Articulação de ideias.</p> <p>Coerência no discurso</p> <p>Posição Crítica</p> <p><u>Observação:</u> Estes critérios aplicam-se a cada uma das questões indicadas.</p>
<p>Esclarecer os momentos da relação sujeito e objecto no acto de conhecer</p> <p>Explicitar a correlação entre sujeito e objecto no acto de conhecer</p>	<p>Explicitação dos conceitos de sensação e percepção</p> <p>Descrição fenomenológica do acto de conhecer</p> <p>Papel do sujeito e papel do objecto.</p>	<p style="text-align: center;"><u>Grupo 2</u></p> <p>(Uma questão de resposta obrigatória): 50 pontos.</p>	
<p>Compreender os 3 núcleos problemáticos da interpretação do conhecimento</p> <p>Identificar as correntes explicativas da teoria do conhecimento</p> <p>Explicitar e desenvolver uma das teorias explicativas do conhecimento</p>	<p style="text-align: center;"><u>Capítulo 4</u></p> <p>Teorias explicativas do conhecimento</p> <p style="text-align: center;"><u>Capítulo 4</u></p> <p>Teorias explicativas do problema do conhecimento</p>	<p style="text-align: center;"><u>Grupo 3</u></p> <p>(Duas questões de resposta obrigatória): 1- 50 pontos (5x10) 50 pontos</p>	

Anexo 6: Exemplo dos critérios de correcção do teste seleccionado

ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA

ANO LECTIVO 2010/2011

CRITÉRIOS DE CORRECÇÃO

Grupo I

Questão 1:

Para distinguir a sensação de percepção impõe-se considerar a sensação como captação de uma qualidade, ou seja, como resposta a um estímulo, podendo assim denominar-se "sensação" a uma qualidade, "cor, cheiro, etc.", captada de determinada situação.

A sensação pode então definir-se como um processo sensorial, ou seja, enquanto actividade específica de um sistema sensorial. Neste sentido, enuncia-se a percepção como comportamento passivo da consciência e processo construtivo pelo qual vamos além do nível das sensações, organizando e captando conjuntos ou totalidades dotadas de sentido.

A percepção pode ser entendida como uma organização sistemática do espírito com vista a tornar coerente um mundo de qualidades indefinidamente divergentes, ou seja, é a função pela qual o espírito organiza as suas sensações e forma para si mesmo uma representação dos objectos externos.

A sensação detecta e a percepção interpreta os estímulos.

Grupo II

Questão 2:

O sujeito e o objecto são os elementos essenciais do conhecimento, sendo este a relação que se estabelece entre ambos. Esta relação de reciprocidade é, todavia, incapaz de desfazer a oposição existente entre aqueles elementos, em virtude da diferença nos papéis que desempenham: o sujeito é activo – conhece o objecto; o objectivo é passivo – é conhecido pelo sujeito. O conhecimento processa-se em três momentos: um primeiro momento, o sujeito desprende-se de si e investe no objecto para o conhecer; um segundo momento, o sujeito está fora de si a apreender as qualidades do objecto; por último, num terceiro momento, o sujeito regressa a si para introduzir na sua esfera as qualidades apreendidas. Estas não entram no sujeito, no sentido literal do termo, mas são internalizados sob a forma de imagem ou representação. Com o conhecimento, o objecto não é alterado, mas sim o sujeito, que se enriquece, passando a dispor de mais conteúdos de consciência, isto é, de uma nova imagem.

Grupo III

Questão 1:

- A) Apriorismo
- B) Realismo Ingénuo
- C) Fenomenismo
- D) Cepticismo
- E) Realismo

Questão 2:

Apriorismo

O conhecimento é uma organização dos dados sensoriais efectuada pelas categorias do entendimento, na medida em que a sensibilidade (formas) e o entendimento (categorias) são as estruturas *a priori* (antes e independentemente de qualquer experiência).

O empirismo e o racionalismo são as teses que atribuem aos sentidos ou à razão a origem das nossas ideias, com o apriorismo kantiano. A ideia base está na superação desta dicotomia (sentidos/razão) sendo que segundo Kant ambos fazem parte do conhecimento, pois só há conhecimento quando os dados são captados pela sensibilidade e ordenados pelas categorias do entendimento. A sensibilidade, de ordem passiva, tem a capacidade de se deixar impressionar pelos objectos exteriores – a matéria do conhecimento. Deste primeiro encontro, efectuado num determinado espaço e num determinado tempo, ainda não resulta o conhecimento. O sujeito viu, ouviu, etc., mas ainda não sabe do que se trata. Para o saber é necessário que a essa primeira forma de experiência se aplique o entendimento que dispõe de conceitos puros ou categorias *a priori* para organizar ou pensar o que foi recolhido pela sensibilidade. Só depois deste trabalho intelectual é que as ideias ou fenómenos se completam.

Realismo Ingénuo

Atitude própria do homem comum, corresponde à atitude natural do espírito humano – aceitação de tudo o que o rodeia como verdadeiramente existente. Esta corrente defende a ideia de que o homem acredita que as coisas são tal como as conhecemos. Existindo uma relação de identidade entre as coisas e as ideias que formamos sobre elas.

Empirismo

O empirismo sustenta que todos os nossos conhecimentos provêm da experiência. Ao nascer, o espírito é como uma folha de papel em branco onde nada vem escrito, mas em que a experiência irá imprimir-se. As impressões nela deixadas são as ideias que resultam directa e imediatamente das várias percepções que vamos tendo ao longo da vida.

Cepticismo

Negação total da nossa possibilidade de conhecer a verdade, na medida em que esta tese defende a ideia de que é impossível atingir qualquer certeza, isto é, defendem que não se pode afirmar nenhum conhecimento como infalivelmente verdadeiro. Os cépticos são pensadores que respondem negativamente à questão do valor e possibilidade do homem conhecer. A sua tese central reside na negação da possibilidade de qualquer verdade, pelo que se iludem os que julgam saber alguma coisa. Pirro de Eleia foi o mais radical representante do cepticismo grego, ao procurar fundamentar a sua tese na impossibilidade de saber verdadeiramente, pelo que o espírito humano permanece num estado de dúvida radical. Propõe como ideal a ataraxia, estado de espírito de neutralidade absoluta face às coisas e ao desejo de as conhecer.

Ataraxia é o ideal de vida a atingir pelos cépticos e consiste na tranquilidade absoluta de espírito, correlativa da indiferença perante as coisas. Os cépticos defendem que a dúvida é a forma mais saudável de estar no mundo, não tendo ninguém que se pronunciar afirmativa ou negativamente acerca das coisas.

Realismo

Esta tese afirma que aquilo que o sujeito conhece é a própria realidade e que as ideias que possuímos a seu respeito coincidem com os objectos existentes no mundo real. Dada a correspondência entre conhecimento e cópia do real, ou seja, as percepções que o sujeito tem dos objectos são reais.

**Anexo 7: Planificações de Filosofia da ESGP:
Filosofia 11º ano**

Escola Secundária Gabriel Pereira

Ficha Informativa: Conteúdos Programados

Ano lectivo de 2010/ 11

Disciplina/Área Curricular: Filosofia 11ºano

Conteúdos	11ºAno	Aulas previstas por turma		
		A	B	C
<p>III – RACIONALIDADE ARGUMENTATIVA E FILOSOFIA</p> <p>Argumentação e Lógica Formal. (opção pelo percurso A ou B) Distinção validade/verdade. Formas de inferência válida. Principais falácias. Argumentação e retórica O domínio do discurso argumentativo – a procura de adesão do auditório. O discurso argumentativo – principais tipos de argumentos e falácias informais Argumentação e filosofia. Filosofia, retórica e democracia Persuasão e manipulação Argumentação, verdade e ser</p>	1º Período			
		26	27	27
		27	27	27
		27	26	26
		25	27	
<p>IV – O CONHECIMENTO E A RACIONALIDADE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA</p> <p>Descrição e interpretação da actividade cognoscitiva Estrutura do acto de conhecer Análise comparativa de duas teóricas explicativas do conhecimento O estatuto do conhecimento científico Conhecimento vulgar e conhecimento científico Ciência e construção A racionalidade científica e a questão da objectividade</p>	2º Período			
		27	27	27
		27	27	27
		27	27	27
		27	27	27

		26	27	
Temas/Problemas da cultura científica e tecnológica (opção por UM TEMA/PROBLEMA)	3º Período	A	B	C
		13	13	14
V – UNIDADE FINAL – DESAFIOS E HORIZONTES DA FILOSOFIA		D	E	F
Opção por um dos seguintes temas:		13	14	14
A Filosofia e os outros saberes		G	H	I
A Filosofia na cidade		14	13	13
A Filosofia e o outro sentido		J	L	
		13	13	

Anexo 8: Exemplo de textos seleccionados

Texto 1

A ciência é, como sabemos, parte integrante da cultura. Mas a que nos referimos quando falamos de cultura? A cultura será todo um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, tradições e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Poderemos até, de forma simplista, dividir a cultura entre elementos materiais / físicos (como os objectos naturais, objectos técnicos, bens móveis e imóveis) e elementos imateriais / ideológicos (como os princípios éticos, morais, ideias, crenças, tradições e costumes, criações como os símbolos da linguagem e a ciência, com as suas teorias e conceitos). Mas quem criou a cultura e como foi criada a cultura? A cultura é uma realidade especificamente humana, foi o ser humano que a criou, partindo de intervenções sobre si mesmo e sobre a natureza, isto é, através do trabalho. Intervir sobre o homem e sobre a natureza é trabalhar, criando instrumentos e aparatos tecnológicos para transformar a natureza, mas também trabalhando os conteúdos da consciência, descobrindo novas formas de sentir, de valorar, de se relacionar psicológica e socialmente com os outros.

Este “trabalho cultural” criou as linguagens, ideias, mitos, artes, etnias, organizações sociais como a cidade, os estados-nação e hoje a globalização. Tudo na cultura tem a marca do ser humano. Alá, Tao, Deus, cada cultura projectou para o céu o seu sonho e construiu o seu sistema de crenças e a sua mentalidade no modo de viver no mundo.

(Adaptado de *An Intelligent Person's Guide to Modern Culture*, Scruton, R., ed. Duckworth, Trowbridge, U.K., 1998, p. 1 a p. 12.)

Escola Secundária Gabriel Pereira

Capítulo 6: Temas / Problemas da cultura científico-tecnológica;

A Ciência, o poder e os riscos

A cultura científico-tecnológica; A manipulação genética, as questões ecológicas e o futuro da humanidade

Texto 2

Manipulação Genética Provoca Ternura e Fidelidade

Ajudados pela manipulação genética, investigadores conseguiram tornar ratos mais ternos e fiéis para com as fêmeas. É a primeira vez que se consegue mudar o comportamento complexo de uma espécie aplicando-se terapia genética.

"A experiência está relatada na revista "Journal of Neuroscience". Cientistas da Universidade Emory, usaram um vírus para inserir um gene específico na área do cérebro de roedores que é responsável por sensações de recompensa e habituação. Nos seres humanos, essa área tem as mesmas funções, o que torna este estudo duplamente interessante e preocupante.

O investigador Larry Young, que participou no estudo, disse estarem interessados em saber como é que o cérebro estabelece as relações sociais para poder descobrir porque é que, em algumas doenças, como o autismo, as pessoas perdem o interesse pelas outras.

Um especialista da Universidade de Bristol, citado pelo site da revista Nature, resumiu o que se fica a pensar depois de conhecer esta experiência: "É extraordinário e quase assustador como se pode mudar o comportamento relativo à relação entre seres, mudando um único receptor no cérebro".

TSF. FranciscoAmaral.25/9/2004

(In: <http://www.alcateias.net/artigos-recentes/ciencias/item/115-manipula%C3%A7%C3%A3o-gen%C3%A9tica-provoca-ternura-e-fidelidade.html> a 23.03.2011)

Anexo 9: Guião do filme *Gattaca – A Experiência Genética*, de Andrew Niccol (1997)

Escola Secundária Gabriel Pereira

Capítulo 6: Temas / Problemas da cultura científico-tecnológica

Guião do filme *Gattaca – A Experiência Genética*, de Andrew Niccol (1997)

GATTACA: Acróstico formado a partir das iniciais das bases nitrogenadas do ADN: Guanina, Adenina, Timina, Timina, Adenina, Citosina e Adenina, em alusão ao código genético da vida.

Objectivos:

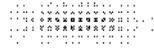
O filme *Gattaca – A experiência genética* conta a história de dois irmãos, um concebido da maneira natural e o outro manipulado geneticamente. O filme é uma reflexão sobre os desafios trazidos pela engenharia genética e o seu impacto na vida da sociedade, na ciência e na tecnologia. O tema da manipulação genética surge como um fenómeno inquietante e até mesmo perigoso, uma vez que suscita a aparição de um novo tipo de hierarquia social e de preconceito em relação à produtividade do ser humano, legitimados pela ciência.

Pretende-se que relaciones o filme com os conteúdos da unidade que estamos a trabalhar na disciplina de Filosofia e atentes aos tópicos e às questões que se seguem e que servirão de guião para o debate sobre manipulação genética:

No filme é abordada a manipulação genética de células de seres humanos.

- Quais as vantagens e desvantagens da manipulação genética de células de plantas e de animais?
- Integridade biológica – alteração da herança biológica;
- Novas formas de domínio? Quem decide?
- Esperança na luta contra o cancro e doenças hereditárias;
- Questão da neutralidade científica;
- Conceito de eugenia;
- Ser humano = refém do seu ADN? Seremos apenas genes?
- Qual o critério de perfeição? Imperfeito é aquele que é ‘diferente’?
- O que tem de humano a manipulação genética?
- O código genético determina o ser humano e as suas possibilidades?
- Ciência: poder vs riscos?
- Como evitar os riscos?

Anexo 10: Cartaz da Conferência-Debate “Vamos descobrir o Pensamento Oriental”



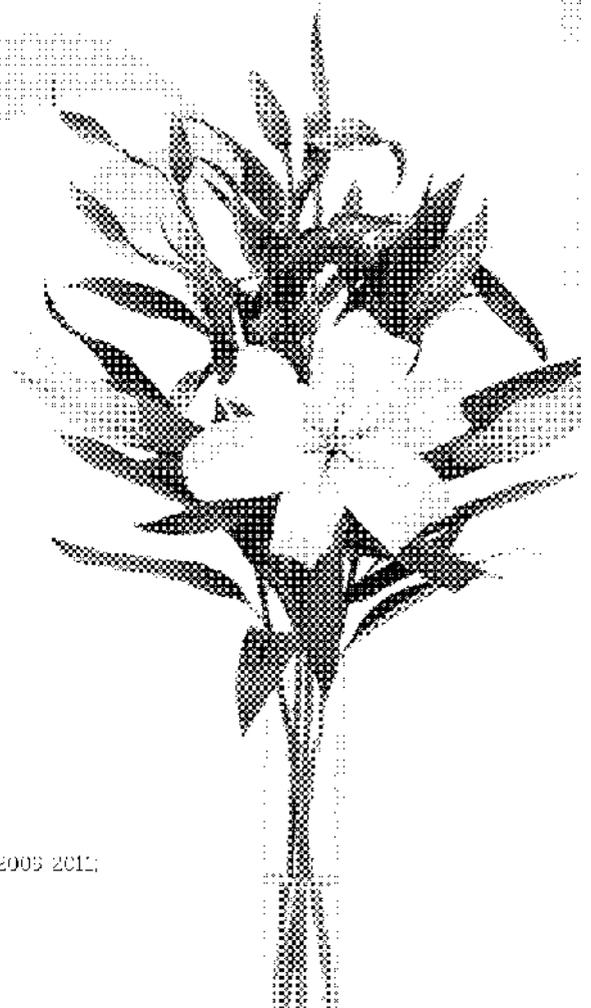
VAMOS DESCOBRIR
O PENSAMENTO ORIENTAL

CONFERÊNCIA - DEBATE

13.MAIO.2011

11H45

AUDITÓRIO ESCOLA SECUNDÁRIA
GABRIEL PEREIRA



ORGANIZAÇÃO: NÚCLEO DE ESTÁGIO - ENSINO DE FILOSOFIA 2009-2011;
PROF. ANA PEREIRA
PROF. DOUTORA TERESA SANTOS (UNIVERSIDADE DE EVORA)

Anexo 11: Cartaz da peça de Teatro “[in]Diferença”

Escola Secundária Gabriel Pereira - Évora

[in]DIFERENÇA

11 de Maio

10h

Auditório da Escola



Núcleo de estágio de Filosofia 2010/2011

**Anexo 12: Guião resumido da peça de teatro
“[in]Diferença”**

Diferença

Quando é impossível definir normal

José Sotero

05-02-2011

Senti necessidade de experimentar o mundo à minha volta, parando de analisar factos, e focar-me nas emoções, nas minhas emoções, porque só assim serei feliz...

Personagens:

Beatriz: Jovem de 18 anos, obrigada pelos pais e pela sociedade a viver uma vida que não a preenche. Luta contra isso.

Lúcia: Jovem de 17 anos, que devido a um desgosto amoroso torna-se bulímica. Come para preencher o vazio que sente.

Francisco: Jovem de 25 anos, homossexual. Teve um passado difícil mas vingou na vida.

Maria: Jovem de 18 anos, paraplégica devido a um tiroteio no jardim que costumava frequentar. (em cadeira de rodas)

Beatriz

Sinto-me presa... não sei bem ao quê. Sinto que estou fechada numa gaiola em que não posso sair...

Expectativas, pressões, medos, falhas, consciência são os meus carrascos...

Obrigam-me a viver uma vida de acordo com os padrões dos outros, esquecendo-se por momentos que eu também tenho sonhos...

Os meus pais querem que eu seja médica, não os quero desiludir, mas não posso aceitar que terei que viver com o peso da infidelidade a mim mesma...

Mas o sonho não é meu... não o posso viver como se fosse... não posso ser feliz a salvar a vida dos outros quando nem a minha consegui salvar...

Lúcia

A gula... um dos sete pecados mortais e se não o mais comum...

Como porque me sinto feliz e preenchida... o pão preenche o que os meus sentimentos deixaram por preencher...

O amor faz-nos fazer coisas estúpidas mas quando não o temos a nossa estupidez perde as barreiras e domina-nos a lucidez...

Como para não pensar... como para não respirar a tristeza do que é estar só...

Como por saber que amanhã posso comer e voltar a comer e a fome não vai embora...

O amor é literatura... começa sempre num lindo poema mas acaba sempre com uma desilusão em prosa... se fosse um livro seria indigno de se ler...

Quando ele acaba resta-nos o pouco que sobrou de nós e procuramos a felicidade em tudo... eu encontrei-a na comida...

Francisco

A adolescência é a fase mais bela das nossas vidas... o sabor da irresponsabilidade quando todos querem que sejamos responsáveis... sente-se o corpo a mudar de dia para dia...

Eu e os meus colegas costumávamos comparar os músculos quando tomávamos banho depois da aula de Ginástica...

Eu ganhava quase sempre! Era uma espécie de modelo tanto para os rapazes como para as raparigas... todos queriam ser como eu... todas queriam falar comigo... e as raparigas davam um braço só para poderem tomar café na minha companhia... mas os meus interesses eram outros...

Maria

Devemos sempre viver a vida no limite, como se fosse o último momento... aprendi que às vezes é preciso ter calma... adorava sentir cada pedaço daquele jardim em frente da minha casa, sabia todas as árvores e flores de cor...

Todas elas no seu sítio e todas elas novidade...

Na minha família não temos muito dinheiro para passeios por isso caminhava no jardim como uma pequena exploradora procurando encontrar algo extinto ou até mesmo uma descoberta na ciência... tolices...

A minha mãe ralhava-me muitas vezes porque não queria que eu estivesse naquele jardim até tão tarde, mas pouca ou nenhuma importância lhe dei...

O quanto me arrependo... a irresponsabilidade de um dia trouxe-me responsabilidades para toda uma vida... Tudo se pode perder num segundo: esperança... vida... fé...

Beatriz

Casar... ter filhos... ter uma profissão digna... ter dinheiro... uma boa casa... um bom carro... e se eu não quiser essa vida?

E se em vez de casar quiser estar sozinha?... e se em vez de ter filhos meus, quiser adoptar uma criança necessitada?... e se em vez de ter uma profissão, quiser dedicar-me ao voluntariado?... carro, casa, dinheiro... é só nisso que está a felicidade? É no dinheiro? Ter dinheiro?...

A felicidade não se pode pagar... somos nós que a temos que construir!

Fazendo o que gostamos e tendo o que gostamos...

Só assim poderemos ser felizes!

Despindo-nos de todos os preconceitos que nos rodeiam, parando de pensar no que os outros querem de nós e pensarmo-nos nem que seja uma só vez, naquilo que nós realmente queremos!

Não posso oferecer-me à frustração de ser o que os outros querem que eu seja...

Lúcia

As noites tornaram-se frias sem o teu amor... se estivesses comigo eu poderia esquecer a comida por uns instantes... poderia... mas não posso... não posso parar...

Hoje fritei batatas... sim fritei batatas para mim!

Eu mereço... e pus tanto óleo quanto pude... assim é mais fácil enjoar...

Quem me dera que te pudesse expelir de mim... já não sinto nada a não ser a tua presença... Ontem fiz o mesmo... parece que o meu corpo se habituou a ti... nem a comida consegue suportar... se como vomito, se bebo enveneno-me...

Só o teu amor o meu corpo absorve...

Quanto mais como mais tenho fome e quando me apercebo que o que absorvo não és tu faço questão de o vomitar, mas é doloroso...

Francisco

Lembro-me da Ricardo, foi ela o meu primeiro amor... Era linda... cabelos ruivos, olhos avelã e um sorriso brilhante... o primeiro amor nunca se esquece...

Numa sexta-feira depois das aulas prometi a mim mesmo que iria para casa contar à minha mãe quem eu realmente era... ela com toda a certeza que me aceitaria e me continuaria a amar como filho... Infelizmente assim não foi...

A primeira coisa que me disse foi que preferia que eu estivesse morto... morto, ouviram? Morto!

Como é que uma mãe pode dizer algo assim tão monstruoso? Caramba, sou homossexual não sou um bicho?

Eu não tenho culpa de o ser... a homossexualidade não é uma escolha, não é um desvio... não é uma doença ou perturbação... é genético... ninguém escolhe... Eu sei mãe, talvez te tenha desiludido e tenha destruído completamente as hipóteses de teres netinhos, mas porra mãe... era preciso tanto?

Maria

Fui tão imprudente... se tivesse ouvido a minha mãe talvez hoje ainda pudesse dar caminhadas... nem que fosse noutra sítio...

Tenho saudades de andar... andar só por andar... sentir o vento na cara...

Nessa noite, saí de casa porque os meus pais tinham discutido... precisava de andar e não pensar...

Caminhei até ao jardim e sentei-me nos bancos que estavam debaixo de um pinheiro... sentei-me a ouvir o silêncio da noite...

Sabes Deus o quão em paz me sinto quando estou no silêncio... acho que o homem tem falta de silêncio... vivemos rodeados de tanto barulho, a maior parte dele desnecessário...

Comecei a ouvir carros a parar perto de mim... escondi-me e esperei para poder sair sem ser vista...

Tinha a barriga num formigueiro enorme... não sentia as mãos de tão nervosa que estava... o medo gelou o meu corpo.

Sem pensar levantei-me de onde estava e corri... corri para o vazio... corri para não ter mais medo... foi aí que senti algo quente que me ardeu na cabeça, a seguir a um grande barulho... caída no chão a cabeça ardia-me... doía como se tivesse tentado arrancá-la... tentei mexer o braço mas não conseguia, tentei uma e outra vez... foi então que adormeci...

Lúcia

Hoje vou parar... já chega desta loucura... vou deitar todas estas coisas fora... já não faz mais sentido viver aprisionada a fantasmas e frustrações passadas...

O teu amor fez-me mal mas foi também ele que me ajudou a acordar e a crescer enquanto pessoa...

A culpa? A culpa é inteiramente minha e a dor mesmo que partilhada continua a pertencer-me... mas o fim está próximo... já o sinto... um novo começo se avizinha...

Esta loucura chegou ao fim.

Posso não ser o exemplo de ser humano, mas esta sou eu, com defeitos e qualidades, única, simples e frágil... todos nós enlouquecemos quando nos tiram algo que amamos mas cabe a nós aprender a lidar com isso e superar... aprendi algo: a felicidade não está nos outros, está em nós.

E assim vou aprender a amar-me para depois poder amar os outros...

Lúcia, 22 anos, ex-bulímica, feliz por me ter encontrado.

Francisco

Mas eu não me calei... Eu sou o que sou, e sou feliz por o ser! Não devo nada a ninguém, nem ninguém é o meu juiz... Assumi-me como sou...

Fácil? Fácil o tanas! Ninguém gosta de ouvir comentários nem de ver todos os rapazes a fugir no balneário... Não vale a pena enganarmos dizendo que não dói! Dói! Dói e dói muito... Acabei por sair da escola

e comecei a trabalhar... jovem com sangue nas veias e livre do escárnio assíduo dos meus colegas, tornei-me um homem novo!

Mudei de cidade... estudei medicina.

Conheci um homem fantástico: inteligente, bonito e independente.

Ensinou-me muita coisa, entre elas, que sou o que sou e que valho por mim mesmo, sou diferente mas nem por isso deixo de ser igual a todos os outros...

Ele ama-me e faz-me sentir feliz! Já não me importa que os ignorantes me apontem o dedo...

Se eu sou diferente porque sou homossexual, eles também são diferentes porque são heterossexuais com a agravante de não serem capaz de respeitar dos outros.

Francisco, 25 anos Homossexual e feliz na minha diferença.

Maria

Acordei mas diferente... acordei separada de mim... olhei para o lado e vi a minha mãe a chorar... não me conseguia lembrar de nada... não fazia sentido tentar lembrar-me de uma coisa que provavelmente tentaria esquecer o resto da vida... sentia o meu corpo pesado e estranho... agarrei na mão da minha mãe sem falar... não queria falar... nem sabia se devia... tentei mexer as pernas para me virar mas não consegui... tentei outra vez, uma e ainda outra mas elas não atenderam ao meu pedido...

Foi como que se tivesse perdido o elo que liga o meu cérebro às minhas pernas... no silêncio apertei ainda com mais força a mão da minha mãe... duas lágrimas escorregaram de ambas as faces, e um grito evadiu a minha boca...

Um choro repentino e sofrido de quem percebeu que nunca mais caminharia no jardim... de quem percebeu que a vida teria um novo começo com novos obstáculos... desviei o olhar da minha mãe para que ela não me visse chorar...

Se ela soubesse o quão arrependida estou por não lhe ter dado ouvidos... Dói... a diferença dói... dói não conseguir caminhar... dói não conseguir mover-me sem a ajuda permanente de alguém ou de algo... Mas esta agora é a minha vida, não adianta desistir, sou diferente e não posso

fazer algumas coisas, mas posso fazer tantas outras... a minha existência não será em vão, tal como a de ninguém é...

Maria, 25 anos, paraplégica, feliz por ser normal na minha diferença...

Beatriz

Todos nós temos problemas na nossa vida... ninguém está a salvo de os ter... Ninguém sabe o que nos vai acontecer amanhã nem o que nos aconteceu ontem... Apenas conhecem o presente...

Nós somos condicionados pelo que fomos e teremos sempre medo do que seremos... Obrigam-nos a vestir a pele de uma personagem, como se todos tivéssemos que ser actores...

A sociedade assim nos obriga a ser alguém que não somos para que não sejamos postos de parte... mas quem somos nós afinal? Quem sou eu afinal? O que gosto? O que realmente não gosto?

Não sou os outros que têm as respostas para a nossa identidade, nós somos o que somos e ponto final! Eu sou o que sou, não tenho que ser bonita, não tenho que ser simpática, não tenho que ser sorridente, não tenho que ser desleal para comigo, tenho apenas que ser eu própria... ninguém me pode julgar, ninguém me pode obrigar a ser normal ou a ser diferente, porque se pensar bem até nem existe conceito de normal...

Ninguém consegue definir o que é normal...

Senti necessidade de experimentar o mundo à minha volta, parando de analisar factos, e focar-me nas emoções, nas minhas emoções, porque só assim serei feliz...

Beatriz, 18 anos, construo a minha felicidade e sou fiel a mim própria.

Beatriz

Como pode haver diferença, se na dor que nos mais humanos, mais frágeis, somos todos iguais?

Lúcia

Uma lágrima é igual aqui e em qualquer lado...

Francisco

Um sorriso também.

Maria

Os pormenores fazem a diferença, mas naquilo que realmente interessa, somos todos iguais! Frágeis... sonhadores... Humanos!

Anexo 13: Programa da visita de estudo ao Centro Cultural de Belém

Visita de Estudo ao *Museu Coleção Berardo*



Visita de Estudo ao *Museu Colecção Berardo*
(texto contextualizador da temática da exposição)

Lev Vygotski, psicólogo russo, defende que pensar faz parte de um processo de aprendizagem. O trabalho desenvolvido pelo Serviço Educativo do Museu Colecção Berardo promove a criação de visitas e actividades, assentes em metodologias que desenvolvem e reforçam este processo de aprendizagem.

Pensar e Reflectir são os eixos do nosso maior desafio. Nosso, enquanto educadores e mediadores cientes de que é através do pensamento e da reflexão que se pode enriquecer o conhecimento, criando situações que não terão apenas como objectivo a obtenção imediata de respostas, mas que fundamentalmente nos deixam despertos e atentos para o mundo em que vivemos. O diálogo que estabelecemos com as obras é o ponto de partida para que possamos pensar, reflectir, aprender...

As obras patentes no Museu e a forma como cada exposição é pensada, desenhada e encenada são o mote para a criação de uma série de actividades, visitas e conversas, a partir das quais poderemos pensar e reflectir sobre algumas das questões colocadas pela arte contemporânea. Neste sentido, passaremos da mera informação a novos graus de conhecimento.

É nisso que acreditamos e é para isso que estamos a trabalhar, aproximando o público das obras, dos mais novos aos mais velhos, num caminho inclusivo de descoberta e de incentivo ao **PENSAMENTO** e à **REFLEXÃO**.

Agradecemos, desde já, a todos os que conosco partilham ou venham a partilhar estas experiências.

De entre as visitas temáticas existentes direccionadas para alunos do secundário, O núcleo de estágio considerou adequada a realização dos seguintes programas:

Aprender a pensar para pensar em aprender

Nesta actividade vamos tentar resgatar a prática do pensamento constante acerca de tudo aquilo que está à nossa volta. Vamos lembrar que somos cidadãos críticos e activos, dentro de uma sociedade onde o acto de pensar está cada vez mais esquecido... Aceitas o desafio?

E

Gabinete de curiosidades

Os gabinetes de curiosidades habituaram-nos ao inesperado, ao fantástico e ao peculiar. A arte contemporânea continua a surpreender com as suas propostas. Pode o museu ser um gabinete de curiosidades contemporâneo? Esta visita temática explora o museu enquanto laboratório de experimentação e plataforma transdisciplinar. Este é o ponto de partida para uma reflexão sobre a produção artística e a recepção da obra de arte.

Anexo 14: Programa da visita de estudo ao Planetário Gulbenkian

Programa escolhido para a visita de estudo ao Planetário Calouste Gulbenkian – Centro
Ciência Viva



O Planetário Calouste Gulbenkian - Centro Ciência Viva é o órgão de natureza cultural da Marinha que tem por missão promover o interesse pela Astronomia, mediante a divulgação dos conhecimentos científicos relativos ao Universo e ao Espaço, junto do público em geral e das escolas.

Para o efeito, realiza sessões sobre temas de Astronomia e outras actividades, nomeadamente, palestras e conferências por individualidades convidadas, exposições temporárias e observações com telescópio.

Programa 5 / 60 minutos 10º, 11º, 12º anos de escolaridade

O Geocentrismo: o conceito de "Mundo" para alguns filósofos da Antiguidade ✦ O Sistema de Ptolomeu ✦ O Heliocentrismo: de Copérnico à actualidade ✦ O sonho de voar! Satélites artificiais e naves espaciais ✦ A chegada do Homem à Lua ✦ Investigação espacial. Que futuro?

Anexo 15: Exemplar do documento a preencher pelos professores organizadores da visita de estudo a fim de obter autorização dos Encarregados de Educação



GUIÃO DE VISITA DE ESTUDO

ANO LECTIVO: 2010/2011

DEPARTAMENTO(S): CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

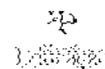
SECÇÃO / SECÇÕES: FILOSOFIA

LOCAL / LOCAIS A VISITAR: PLANETÁRIO CALOUSTE GULBENKIAN; MUSEU COLECCÃO BERARDO EXPOSIÇÃO PERMANENTE.

PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(EIS):

OUTROS PROFESSORES PARTICIPANTES:
FÁTIMA TELES, BRANCA- FLOR DA CRUZ, HÉLIO RENATO; TRADUTORA LÍNGUA GESTUAL

ALUNOS PARTICIPANTES:
ANOS: 11º
TURMAS: E; L; D, G1



OUTROS ELEMENTOS:

ÂMBITO: PROGRAMA DE FILOSOFIA 11º ANO -- ESTRUTURA E ESTATUTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO); NECESSIDADE CONTEMPORÂNEA DE UMA RACIONALIDADE PRÁTICA PLURIDISCIPLINAR.

DISCIPLINA(S) ENVOLVIDA(S) / SEGMENTOS DE FORMAÇÃO A CONTABILIZAR (CURSOS PROFISSIONAIS E EFA): FILOSOFIA

DATA DA REALIZAÇÃO:

06 – 04- 2011

OBJECTIVOS:

Compreender a ciência como teoria acerca da realidade e despertar o interesse para a especificidade do conhecimento científico;

Entender a complexidade do conhecimento.

Analisar as teorias explicativas do conhecimento e a coexistência / articulação de saberes. **conhecimento científico no quotidiano.**

ITINERÁRIO:

ÉVORA - LISBOA

HORA DE PARTIDA: 08H30

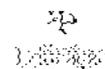
-----><-----
Declaro que autorizo o/a meu/minha educando/a _____, n.º ____
do ano ____ turma ____ a participar na visita de estudo a realizar no dia _____, no âmbito das
disciplinas de _____

Évora, _____, de _____ de _____

○ Encarregado de Educação



Escola Secundária Gabriel Pereira - Évora
Escola Pluricurricular (400210)



MEIO DE TRANSPORTE A UTILIZAR: AUTOCARRO

ALOJAMENTO

OUTROS ENCARGOS:

TOTAL DE ENCARGOS:

FONTE DE FINANCIAMENTO: ALUNOS E PROFESSORES

COMPARTICIPAÇÃO DA ESCOLA: A APLICAR AOS ALUNOS ABRANGIDOS PELO APOIO ESCOLAR

RECURSOS (FOLHETOS, GUIÕES, ETC...): SEGUE EM ANEXO
GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO CEDIDO PELA PRÓPRIA
INSTITUIÇÃO.

ACTIVIDADES A DESENVOLVER PELOS ALUNOS QUE NÃO PARTICIPAM NA VISITA
TRABALHO INDIVIDUAL DE INVESTIGAÇÃO SOBRE O ESTATUTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO.

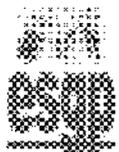
AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE: TRABALHO ESCRITO
INDIVIDUAL

-----><-----
Declaro que autorizo o/a meu/minha educando/a _____, n.º ____
do ano ____ turma ____ a participar na visita de estudo a realizar no dia _____, no âmbito das
disciplinas de _____

Évora, _____, de _____ de _____

O Encarregado de Educação

Anexo 16: Critérios de Avaliação do Departamento



Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Grupo de Recrutamento 410

Critérios de Avaliação de Filosofia – 10.^o - 11.^o Anos

A) Provas escritas e/ou Práticas de Avaliação

a) Provas Escritas (trabalhos), ou Testes.....70%

Estes instrumentos de avaliação serão classificados tendo em conta:

. 70% para conteúdos, ou seja, rigor conceptual, mobilização de conhecimentos e interpretação e análise de textos

. 30% para a forma, ou seja, rigor de linguagem, articulação de ideias ou coerência do discurso e manifestação de uma posição crítica

b) Provas práticas de avaliação ou relatórios, trabalhos individuais ou de grupo, actas de aula, resumos de leitura, ficha de trabalhos (comentário e análise)15%

B) A avaliação que constará “ do **desempenho quotidiano do aluno**” e que terá como parâmetros a avaliar: - assiduidade, pontualidade, participação no trabalho da aula (oral e escrita) e comportamento.....15%

Indica-se que as classificações trimestrais resultarão:

- 1º período – aplicação dos critérios de avaliação
- 2º período – classificação de primeiro período + duas vezes a classificação de segundo período a dividir por três
- 3º período - classificação de segundo período + duas vezes a classificação de terceiro período a dividir por três.

Recomenda-se, tendo por base os critérios uniformes de avaliação da escola, a feitura de duas provas escritas ou dois testes por período.

Anexo 17: Exemplo de grelha de Avaliação de Desempenho Quotidiano dos Alunos

Escola Secundária Gabriel Pereira

Grelha de Avaliação

Desempenho Quotidiano dos Alunos (15%)

11º D – 2010/2011

Nº	NOME:	Assiduidade	Pontualidade	Participação em aula (oral e escrita)	Comportamento
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					

Anexo 18: Exemplo de grelha de Avaliação de Expressão Escrita e Oral

Escola Secundária Gabriel Pereira

Grelha de Avaliação

Expressão Escrita e Oral (85%)

11º D – 2010/2011

		1º PERÍODO																
N:	NOME:	Testes de avaliação / Trabalhos			Relatórios / TPC's			Trabalhos Individuais / Grupo				Resumos de leitura		Fichas de trabalho (comentário e análise)				
1																		
2																		
3																		
4																		
5																		
6																		
7																		
8																		
9																		

Anexo 19: Pauta do 1º Período

Pauta de Frequência

N.º Matrícula	Nome	F.OER. PORT.			F.OER. L.CDN.			F.OER. FIL.			F.OER. F.PIS.			F.ESP. MATA			F.ESP. PO A (c)			F.ESP. B. G. (c)			Avaliações	N.º Processos	
		A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C			
11221		-	-	15	-	-	12	-	-	12	-	-	11	-	-	2	11	-	-	11	-	-	12		011727
11222		-	-	13	-	-	12	-	-	12	-	-	12	-	-	15	12	-	-	12	-	-	12		011820
11223		-	-	18	-	-	16	-	-	16	-	-	17	-	-	-	18	-	-	18	-	-	18		0117637
11224		-	-	12	-	-	13	-	-	10	-	-	10	-	-	6	13	-	-	9	-	-	9		011892
11225		-	-	15	-	-	12	-	-	13	-	-	12	-	-	12	-	-	12	-	-	10		011816	
11226		-	-	15	-	-	16	-	-	16	-	-	16	-	-	15	17	-	-	17	-	-	18		011820
11227		-	-	11	-	-	12	-	-	10	-	-	13	-	-	-	-	-	2	-	-	9		011854	
11228		-	-	12	-	-	11	-	-	11	-	-	14	-	-	6	9	-	-	10	-	-	10		011824
11229		-	-	13	-	-	9	-	-	12	-	-	13	-	-	2	12	-	-	11	-	-	10		011875
11230		-	-	12	-	-	10	-	-	12	-	-	10	-	-	7	10	-	-	10	-	-	10		011820
11231		-	-	13	-	-	11	-	-	15	-	-	12	-	-	13	-	-	13	-	-	12		011870	
11232		-	-	16	-	-	15	-	-	14	-	-	15	-	-	15	15	-	-	15	-	-	16		011820
11233		-	-	11	-	-	15	-	-	14	-	-	14	-	-	11	-	-	11	-	-	11		011870	
11234		-	-	14	-	-	14	-	-	13	-	-	14	-	-	13	9	-	-	9	-	-	10		011850
11235		-	-	13	-	-	11	-	-	13	-	-	10	-	-	12	-	-	11	-	-	12		0117647	
11236		-	-	16	-	-	16	-	-	14	-	-	15	-	-	17	17	-	-	17	-	-	18		011820
11237		-	-	11	-	-	14	-	-	9	-	-	12	-	-	6	-	-	8	-	-	7		011870	
11238		-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR		Transfer. (13-08-2010)	011824
11239		-	-	16	-	-	16	-	-	18	-	-	11	-	-	16	-	-	16	-	-	15		011844	
11240		-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR		Transfer. (17-08-2010)	011820
11241		-	-	15	-	-	15	-	-	16	-	-	16	-	-	13	-	-	13	-	-	13		011870	
11242		-	-	18	-	-	14	-	-	14	-	-	14	-	-	6	12	-	-	12	-	-	13		011820
11243		-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR	-	-	TR		Transfer. (03-07-2010)	011827
11244		-	-	17	-	-	16	-	-	18	-	-	18	-	-	19	19	-	-	19	-	-	18		011820
11245		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	TR	-	-	-		Transfer. (20-10-2010)	011820
11246		-	-	13	-	-	13	-	-	11	-	-	11	-	-	7	9	-	-	9	-	-	10		011820
11247		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	AD		011870	

* Os nomes dos alunos foram retirados da grelha por questões de confidencialidade

27 Alunos

TR - Transferência; AS - Assistente 1 - NGL10867

A - Disciplinas; B - Faltas Justificadas; C1 - Classificação Frequência

Observações:

EVORA, ___/___/___

O Director do Curso:

O Secretário:

O Monitor:



Anexo 20: Pauta do 2º Período

Pauta de Frequência

N.º Matrícula	Nome	F.GER.			F.GER.			F.GER.			F.GER.			F.FSF.			F.FSF.			F.FSF.			Avaliações	N.º Faltas
		PORT.	INGLÉS (CONT.)	FI.	MAT.A	CIÊNCIAS	TECNOLOGIAS	MAT.A	CIÊNCIAS	TECNOLOGIAS	MAT.A	CIÊNCIAS	TECNOLOGIAS											
22291																								
22292																								
22293																								
22294																								
22295																								
22296																								
22297																								
22298																								
22299																								
22300																								
22301																								
22302																								
22303																								
22304																								
22305																								
22306																								
22307																								
22308																								
22309																								
22310																								
22311																								
22312																								
22313																								
22314																								
22315																								
22316																								
22317																								
22318																								
22319																								
22320																								
22321																								
22322																								
22323																								
22324																								
22325																								
22326																								
22327																								

* Os nomes dos alunos foram retirados da grelha por questões de confidencialidade

27. Outros

TR - Transferência EF - Excluído por Faltas AS - Assistente I - INGLÉS 6/7
 J - Desculpas EJ - Faltas Justificadas EJ - Faltas injustificadas CP - Classificação Frequência

Observações:

Évora, ___/___/___
 O Diretor de Turmas: _____
 O Secretário: _____

O Diretor: _____

Edite
 Copy
 For Et

Anexo 21: Pauta do 3º Período

Anexo 22: Circular n° B10042904F

B10042904F



CIRCULAR N.º B10042904F

Data: 23-09-2010

Serviço de Origem: DSGRHE	ENVIADA PARA: Inspeção-Geral da Educação <input type="checkbox"/> Gabinete de Gestão Financeira <input type="checkbox"/> Direções Regionais de Educação <input type="checkbox"/> Agrupamentos de Escolas <input type="checkbox"/> Escolas não agrupadas <input type="checkbox"/> Sindicatos <input type="checkbox"/>
---	---

ASSUNTO: Prática de Ensino Supervisionada - ORIENTADORES COOPERANTES

De acordo com o n.º 1 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de Janeiro, os Estabelecimentos de Ensino Superior que pretendam organizar e ministrar ciclos de estudos conducentes à aquisição de habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário devem celebrar anualmente protocolos de cooperação com estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário, com vista ao desenvolvimento de atividades de iniciação à prática profissional, incluindo a prática de ensino supervisionada, e de investigação e desenvolvimento no domínio da educação.

Assim, considerando a necessidade de assegurar a realização da formação inicial dos cursos orientados para a docência, em áreas carenciadas de pessoal docente, como é o caso do Espanhol, estabelece-se, excepcionalmente, para o ano escolar de 2010/2011, a seguinte orientação:

1. Nos grupos de recrutamento onde não existam, a nível nacional, docentes em condições de assegurar, como orientadores cooperantes, a prática de ensino supervisionada, por não estarem nas situações previstas no n.º 1 do artigo 7.º do Despacho de Organização do Ano Lectivo para 2010/2011 (Despacho n.º 11120-B/2010, de 6 de Julho), é admissível, com carácter excepcional, a escolha de orientadores cooperantes posicionados no 1.º ou 2.º escalão da carreira docente.

Avenida 24 de Julho, 142 • 1399-024 LISBOA

Tel.: 21 393 86 00

Fax: 21 397 03 10 E-mail: correio@dgrhe.min-edu.pt

2. Uma vez que o Decreto-Lei n.º 43/2007 não prevê nenhuma regra de redução da componente lectiva para o exercício das funções de orientador cooperante, esta não poderá ser atribuída.
3. O director do agrupamento de escolas/escola não agrupada deve atribuir ao orientador cooperante um horário que lhe permita dar cumprimento às actividades estabelecidas no protocolo com o Estabelecimento de Ensino Superior.

A Subdirectora-Geral



Maria Helena Serol Mascarenhas

Documento original com assinatura digital certificada pela CEGER e mecanismo e estampilha digital por MULTICERT

Avenida 24 de Julho, 142 • 1399-024 LISBOA

Tel.: 21 393 86 00

Fax: 21 397 03 10 E-mail: correio@dgrhe.min-edu.pt

Anexo 23: Índice do manual de 11º ano de Filosofia

Um outro olhar sobre o mundo



Capítulo 1

Argumentação e lógica formal

Metodologia do trabalho filosófico, 8

A dissertação filosófica, 8

O comentário de texto, 10

Objectivos, 16

Mapa conceptual, 17

Distinção validade-verdade, 18

Lógica natural e lógica científica, 18

A lógica no contexto da disciplina de filosofia, 19

Verdade e validade, 25

O valor lógico das proposições – a verdade, 25

O valor lógico dos argumentos – a validade, 26

Verdade e validade, conceitos independentes, 27

Argumentos sólidos ou correctos, 29

Dedução e indução, 31

Formas de inferência válida – lógica aristotélica, 34

(Em alternativa com a lógica proposicional)

O conceito e o termo, 34

O juízo e a proposição, 36

O juízo categórico, 37

A qualidade – juízos afirmativos e negativos, 37

A quantidade – juízos universais e particulares, 38

Combinação da qualidade e quantidade, 39

Proposições categóricas em linguagem natural, 40

Distribuição dos termos, 42

Inferências mediatas – o silogismo, 45

A forma do silogismo, 46

O modo, 46

A figura, 46

Regras do silogismo, 48

Formas de inferência válida – lógica proposicional, 53

(Em alternativa com a lógica aristotélica)

Frases e proposições, 53

Variáveis proposicionais, 54

Linguagem da lógica proposicional, 54

Formalização de proposições e argumentos, 56

Conectivas e tabelas de verdade, 56

Negação, 57

Conjunção, 59

Disjunção, 60

Condicional, 63

Equivalência, 65

Conectivas e linguagem natural, 67

Pontuação de proposições, 70

Como formalizar argumentos, 72

Avaliação de argumentos, 76

Inspectores de circunstâncias, 78

Principais falácias, 82

Falácias do silogismo, 83

(Para os alunos cuja opção foi a lógica aristotélica)

Falácia do quarto termo, 83

Falácia do termo médio não distribuído, 83

Falácia da ilícita maior, 83

Falácia da ilícita menor, 84

Falácias do *modus ponens* e do *modus tollens*, 85

(Para os alunos cuja opção foi a lógica proposicional)

Falácia da afirmação do consequente, 86

Falácia da negação do antecedente, 87

Questionário, 90

Comentário, 91

Soluções dos "Verifique se compreendeu", 181



Capítulo 2

Argumentação e retórica

Objectivos, 94
Mapa conceptual, 95

O domínio do discurso argumentativo – a procura de adesão do auditório, 96

A racionalidade argumentativa: distinção entre demonstração e argumentação, 96

Demonstração e argumentação, 97

A relação necessária ao auditório, 102

Estratégias de persuasão, 103

A opinião pública, 104

O discurso argumentativo – principais tipos de argumentos e falácias informais, 109

Características do discurso argumentativo, 110

Tipos de argumentos informais, 111

Argumentos com base em exemplos, 111

Argumentos por analogia, 113

Argumentos de autoridade, 116

Argumentos sobre causas, 117

Tipos de falácias informais, 120

Falácias da irrelevância, 120

Falácias da insuficiência de dados, 126

Falácias da ambiguidade, 130

Análise de textos, 137

Questionário, 141

Comentário, 142

Actividades complementares, 142

Soluções dos “Verifique se compreendeu”, 185



Capítulo 3

Argumentação e filosofia

Objectivos, 145
Mapa conceptual, 147

Filosofia, retórica e democracia, 148

Breve aproximação histórica ao conflito entre filósofos e retores, 148

A “polis” grega, 148

Educação e retórica, 151

A retórica ao serviço da filosofia, 152

A retórica ao serviço da oratória, 153

Retórica e democracia na actualidade, 155

Persuasão e manipulação ou os dois usos da retórica, 157

O bom uso da retórica – a persuasão, 157

Razão e emoção no processo persuasivo, 158

Uso ético da retórica, 160

O mau uso da retórica – a manipulação, 162

Erro, mentira e engano, 162

A sedução, 164

O discurso publicitário, 164

O discurso político, 167

Argumentação, verdade e ser, 169

Ser, realidade e linguagem, 169

Verdade e argumentação filosófica, 170

Análise de textos, 174

Questionário, 178

Comentário, 178

Actividades complementares, 179

Soluções dos “Verifique se compreendeu”, 186

Glossário, 187

Bibliografia, 191

Sítios na Internet, 192



Capítulo 4

Descrição e interpretação da actividade cognoscitiva

Objectivos, 12
Mapa conceptual, 13

Estrutura do acto de conhecer, 14
A complexidade do conhecimento, 15
Conhecimento como processo e como produto, 16
Descrição e interpretação do conhecimento, 17
Descrição fenomenológica do acto de conhecer, 17

Análise comparativa de duas teorias explicativas do conhecimento, 21

(Opções por duas teorias em confronto)

Natureza ou essência do conhecimento, 22
Realismo, 22
Idealismo, 23

Origem ou fonte do conhecimento, 25
Empirismo, 25
Racionalismo, 26
Apriorismo, 28

Possibilidade, valor e limites do conhecimento, 30
Dogmatismo, 30
Cepticismo, 31
Críticismo, 32

Análise de textos, 35

Questionário, 39

Comentário, 40

Actividades complementares, 41

Soluções dos "Verifique se compreendeu", 165



Capítulo 5

O estatuto do conhecimento científico

Objectivos, 44
Mapa conceptual, 45

Conhecimento vulgar e conhecimento científico, 46

O saber quotidiano, 46

O saber científico, 47
Objectivos gerais da ciência, 48
A construção do facto científico, 49

Distinção entre conhecimento vulgar e científico, 52

Ciência e construção: validade e verificabilidade das hipóteses, 57

O método da ciência: do problema à elaboração das hipóteses, 57
A hipótese, 59
Comprovação experimental, 60
As leis científicas, 61

Validade das hipóteses – verificabilidade e falsificabilidade, 62
Verificacionismo, 63
Falsificacionismo, 64
Ciência normal e ciência em crise, 66

A racionalidade científica e a questão da objectividade, 68

A ciência, um dos modos humanos de interpretar o real, 70

O significado da objectividade científica, 71
Objectividade forte, 72
Objectividade fraca, 73

Análise de textos, 77

Questionário, 84

Comentário, 85

Actividades complementares, 85

Soluções dos "Verifique se compreendeu", 165



Capítulo 6

Temas/problemas da cultura científico-tecnológica

(Opção por um tema/problema)

Objectivos, 88

Mapa conceptual, 89

A ciência, o poder e os riscos, 90

A cultura científico-tecnológica, 91

As vagas de mudança, 94

Da ferramenta à automação, 97

Do saber ao poder, 98

O cientismo, 99

A tecnociência, 101

Riscos da tecnociência, 103

Problemas ecológicos, 103

Problemas da bioética, 108

O valor da ciência, 114

De uma ética antropocêntrica a uma ética cosmocêntrica, 118

Éticas de tendência antropocêntrica, 118

Uma ética cosmocêntrica, 119

Questionário, 125

Sugestões de actividades, 90, 92, 93, 94, 98, 101, 103, 104, 108, 109, 116, 122



Capítulo 7

A filosofia e os outros saberes

(Opção por um tema/problema)

Objectivos, 128

Mapa conceptual, 129

Realidade e verdade – a plurivocidade da verdade, 130

A realidade, 130

Verdade e certeza, 131

Concepções de verdade, 132

Verdade no sentido de *aletheia*, 133

Verdade no sentido de *veritas*, 134

Verdade no sentido de *emunah*, 135

Verdade como perspectiva, 137

Necessidade contemporânea de uma racionalidade prática pluridisciplinar, 140

A racionalidade prática, 141

Caracteres da racionalidade, 141

Limites e valor da racionalidade, 142

Uma racionalidade pluridisciplinar, 144

Macro-especialização em microdisciplinas, 144

A coexistência e articulação de saberes, 145

Metodologia pluridisciplinar, 146

O lugar da filosofia, 152

Análise de textos, 155

Questionário, 163

Comentário, 164

Actividades complementares, 164

Soluções dos "Verifique se compreendeu", 165

Glossário, 167

Bibliografia, 172

Sítios na Internet, 175

Anexo 24: Índice do caderno de actividades do manual
Um outro olhar sobre o mundo

Índice

1. Argumentação e lógica formal

1.1. Distinção validade-verdade, 4

Ideias fundamentais, 4

Conceitos-chave, 4

Exercícios de resposta imediata, 5

Questões de desenvolvimento, 6

Propostas de resolução, 63

1.2. Formas de inferência válida – lógica aristotélica, 7

1.3. Principais falácias formais, 7

Ideias fundamentais, 7

Conceitos-chave, 8

Exercícios de resposta imediata, 8

Propostas de resolução, 64

1.2. Formas de inferência válida – lógica proposicional, 11

1.3. Principais falácias formais, 11

Ideias fundamentais, 11

Conceitos-chave, 12

Exercícios de resposta imediata, 13

Propostas de resolução, 65

2. Argumentação e retórica

2.1. O domínio do discurso argumentativo – a procura de adesão do auditório, 19

Ideias fundamentais, 19

Conceitos-chave, 20

Exercícios de resposta imediata, 20

Questões de desenvolvimento, 22

Propostas de resolução, 70

2.2. O discurso argumentativo – principais tipos de argumentos e falácias informais, 23

Ideias fundamentais, 23

Conceitos-chave, 24

Exercícios de resposta imediata, 25

Propostas de resolução, 71

3. Argumentação e filosofia

3.1. Filosofia, retórica e democracia, 28

Ideias fundamentais, 28

Conceitos-chave, 29

Exercícios de resposta imediata, 29

Questões de desenvolvimento, 30

Propostas de resolução, 72

3.2. Persuasão e manipulação ou os dois usos da retórica, 31

Ideias fundamentais, 31

Conceitos-chave, 31

Exercícios de resposta imediata, 32

Questão de desenvolvimento, 33

Propostas de resolução, 73

3.3. Argumentação, verdade e ser, 34

Ideias fundamentais, 34

Conceitos-chave, 34

Exercícios de resposta imediata, 34

Questão de desenvolvimento, 35

Propostas de resolução, 73

4. Descrição e interpretação da actividade cognoscitiva

4.1. Estrutura do acto de conhecer, 36

Ideias fundamentais, 36

Conceitos-chave, 36

Exercícios de resposta imediata, 37

Propostas de resolução, 74

4.2. Análise comparativa de duas teorias explicativas do conhecimento, 39

Ideias fundamentais, 39

Conceitos-chave, 40

Natureza do conhecimento, 40

Exercícios de resposta imediata, 40

Questão de desenvolvimento, 41

Propostas de resolução, 74

Origem do conhecimento, 41

Exercícios de resposta imediata, 41

Questão de desenvolvimento, 43

Propostas de resolução, 74

Possibilidade do conhecimento, 43

Exercícios de resposta imediata, 43

Questão de desenvolvimento, 44

Propostas de resolução, 74

5. O estatuto do conhecimento científico

5.1. Conhecimento vulgar e conhecimento científico, 45

5.2. Ciência e construção – validade e verificabilidade das hipóteses, 45

Ideias fundamentais, 45

Conceitos-chave, 46

Exercício de resposta imediata, 46

Questões de desenvolvimento, 47

Propostas de resolução, 75

5.3. A racionalidade científica e a questão da objectividade, 48

Ideias fundamentais, 48

Conceitos-chave, 49

Exercício de resposta imediata, 49

Questão de desenvolvimento, 50

Propostas de resolução, 76

6. Temas e problemas da cultura científico-tecnológica

6.1. A ciência, o poder e os riscos, 51

Ideias fundamentais, 51

Conceitos-chave, 52

Exercícios de resposta imediata, 52

Questões de desenvolvimento, 57

Propostas de resolução, 77

7. Desafios e horizontes da filosofia

7.1. Realidade e verdade – a plurivocidade da verdade, 58

7.2. Necessidade contemporânea de uma racionalidade prática pluridisciplinar, 58

Ideias fundamentais, 58

Conceitos-chave, 59

Exercícios de resposta imediata, 59

Questões de desenvolvimento, 62

Propostas de resolução, 78

Anexo 25: Edital mestrado Ensino de Filosofia no
Ensino Secundário 2009/2011 – Universidade de Évora

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

EDITAL

ABERTURA DO MESTRADO

ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO

A INICIAR NO ANO LECTIVO 2009/2010
REGISTADO NA DGES CDM O Nº R/B-CR 474/2007

1. O CURSO É PROMOVIDO PELO: DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
2. **COMISSÃO DE CURSO E RESPECTIVOS CONTACTOS**
 - **DIRECTOR DA COMISSÃO DE CURSO:** PROF DOUTOR CÃO TIAGO PEDROSO DE LIMA
 - E-mail: jtpl@uevora.pt
3. **OBJECTIVOS DO CURSO:**
 - . Proporcionar as condições para a aquisição das competências genéricas para o exercício da docência nos ensinos básico e secundário.
 - . Fornecer a informação considerada necessária para um conhecimento genérico do sistema educativo, das escolas e das respectivas organizações, estrutura e funcionamentos.
 - . Familiarizar os formandos com as questões de direcção e gestão da sala de aula, tentando, desse modo, promover uma melhor integração na profissão.
 - . Promover informação genérica teórica e prática - sobre a gestão de trabalho em equipa (dinâmica de grupos, gestão de conflitos, etc.).
4. **Áreas de Especialização/ramos:** Professor de Filosofia
5. **CONDIÇÕES DE ACESSO:** Formação Científica Específica, obtida num 1º ciclo de estudos, nas áreas da especialidade para as quais se pretende habilitação profissional para a docência, conforme exigências constantes do Decreto-Lei nº 43/2007.
6. **CRITÉRIOS DE SERIAÇÃO:**
 1. Classificação Final da Licenciatura.
 2. Experiência Profissional.
 3. Entrevista se considerada necessária
7. **Nº DE VAGAS:** ATRIBUÍDO PELO MCTES
8. **Nº MÍNIMO DE MATRÍCULAS NECESSÁRIAS PARA FUNCIONAMENTO:** NÃO SE APLICA
9. **PROPINA DO CURSO:** IGUAL AO VALOR DA PROPINA ESTIPULADA EM 2009/2010 PARA O 1º CICLO DE ACORDO COM O PONTO 2. DO ARTIGO 27º DO DL 107/2008 DE 25 DE JUNHO, MULTIPLICADO POR 2 FACE À DURAÇÃO DO CURSO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

EDITAL

ABERTURA DO MESTRADO

ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO

A INICIAR NO ANO LECTIVO 2009/2010
REGISTADO NA DGES CDM O Nº R/B-CR 474/2007

1. O CURSO É PROMOVIDO PELO: DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO
2. **COMISSÃO DE CURSO E RESPECTIVOS CONTACTOS**
 - **DIRECTOR DA COMISSÃO DE CURSO:** PROF DOUTOR CÃO TIAGO PEDROSO DE LIMA
 - E-mail: jtpl@uevora.pt
3. **OBJECTIVOS DO CURSO:**
 - . Proporcionar as condições para a aquisição das competências genéricas para o exercício da docência nos ensinos básico e secundário.
 - . Fornecer a informação considerada necessária para um conhecimento genérico do sistema educativo, das escolas e das respectivas organizações, estrutura e funcionamentos.
 - . Familiarizar os formandos com as questões de direcção e gestão da sala de aula, tentando, desse modo, promover uma melhor integração na profissão.
 - . Promover informação genérica teórica e prática - sobre a gestão de trabalho em equipa (dinâmica de grupos, gestão de conflitos, etc.).
4. **Áreas de Especialização/ramos:** Professor de Filosofia
5. **CONDIÇÕES DE ACESSO:** Formação Científica Específica, obtida num 1º ciclo de estudos, nas áreas da especialidade para as quais se pretende habilitação profissional para a docência, conforme exigências constantes do Decreto-Lei nº 43/2007.
6. **CRITÉRIOS DE SERIAÇÃO:**
 1. Classificação Final da Licenciatura.
 2. Experiência Profissional.
 3. Entrevista se considerada necessária
7. **Nº DE VAGAS:** ATRIBUÍDO PELO MCTES
8. **Nº MÍNIMO DE MATRÍCULAS NECESSÁRIAS PARA FUNCIONAMENTO:** NÃO SE APLICA
9. **PROPINA DO CURSO:** IGUAL AO VALOR DA PROPINA ESTIPULADA EM 2009/2010 PARA O 1º CICLO DE ACORDO COM O PONTO 2. DO ARTIGO 27º DO DL 107/2008 DE 25 DE JUNHO, MULTIPLICADO POR 2 FACE À DURAÇÃO DO CURSO